



UC/FPCE_2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Confiança Interpessoal e Bem-Estar Subjetivo na Aduldez

Mariana Ferreira Lopes Dias (e-mail: marianaferreiradias@live.com.pt)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora Doutora Maria da Luz Bernardes Rodrigues Vale-Dias

Confiança Interpessoal e o Bem-Estar Subjetivo na Adulterez

Resumo: O presente estudo exploratório pretende analisar o papel da confiança interpessoal, tanto relativamente ao melhor amigo como no relacionamento com o par amoroso, assim como a sua relação com o bem-estar subjetivo, tendo em conta a satisfação com a vida, a afetividade positiva e afetividade negativa, e ainda variáveis sociobiográficas.

Desta forma, foram utilizados os seguintes instrumentos para a recolha de dados: um Questionário Sociobiográfico; duas versões da adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*), uma com o objetivo de avaliar a confiança no par amoroso e outra a confiança no melhor amigo; a Escala de Satisfação com a vida – SWLS; e a Escala de Afetividade Positiva e Negativa – PANAS.

No sentido de contribuir para a pesquisa relativa à sua adaptação, foi realizado o estudo das qualidades psicométricas da adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal.

Foi utilizada uma amostra composta por 303 sujeitos (209 mulheres) com idades compreendidas entre os 18 e 65 anos. As análises estatísticas das escalas do bem-estar subjetivo e da confiança interpessoal no melhor amigo foram realizadas considerando a totalidade dos sujeitos da amostra. Relativamente à análise da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso apenas foram considerados os 182 sujeitos que relataram ter uma relação amorosa.

Relativamente aos resultados, foram obtidas associações significativas entre a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo. Foi possível observar o papel preditor significativo da confiança interpessoal relativamente ao bem-estar subjetivo. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e nos seus respetivos fatores. Ainda, foram igualmente observadas diferenças entre os grupos de idade na escala SWLS e na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso. Finalmente, foi possível observar o papel preditor significativo do índice de problemas de vida diversos em relação à escala de confiança no par amoroso e ao bem-estar subjetivo.

Palavras-chave: confiança interpessoal, bem-estar subjetivo, variáveis sócio-biográficas.

Interpersonal Trust and Subjective Well-being in Adulthood

Abstract : This exploratory study aims to analyze interpersonal trust, in relationships with a best friend and with a romantic partner, na its association with the subjective well-being, taking into account the satisfaction with life, positive and negative affect, and social-biographical variables.

For this studyi the following instruments were used for data collection: a social-biographic questionnaire; two versions of the portuguese adaptation of the Interpersonal Trust Scale (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*), one in order to assess the trust in a loving couple and other to assess trust in a best friend; the Satisfaction with Life Scale - SWLS; and the Positive and Negative Affect Schedule - PANAS.

Aiming to contribute to the research in terms of its adaptation, it was performed the study of the psychometric properties of the Portuguese adaptation of the Interpersonal Trust Scale.

A sample of 303 subjects (209 women) was used, with ages between 18 and 65 years old. Statistical analyzes of the scales of subjective well-being and interpersonal trust in best friend were performed considering all the subjects of the sample. For the analysis of Interpersonal Trust Scale in the loving pair there were only considered the 182 subjects who refered a loving relationship.

As to the results, significant associations were found between the interpersonal trust and the subjective well-being. It was observed a significant predictor role of interpersonal trust in subjective well-being. Statistically significant differences were found between genders in Interpersonal Trust Scale in the best friend and their respective factors. Furthermore, differences were also observed between the age groups in SWLS and in Interpersonal Trust Scale in the loving couple. Finally, we observed a significant predictor role of the diverse life problems index on trust in the loving pair and subjective well-being.

Key Words: interpersonal trust, subjective well-being, social-biographical variables.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Maria da Luz por todo conhecimento partilhado, pela sua disponibilidade e incentivos.

Um sincero obrigado à Mariana Carvalho por todo o cuidado e ajuda incansável.

À Francisca, por todo o apoio durante esta investigação.

Aos meus queridos pais, Fátima e Paulo, por todo o amor e educação que me deram. E por me terem passado o espírito de querer conhecer e aprender mais.

Às minhas queridas irmãs, Magda, Sara e Francisca, também por todo o amor, amizade e por me tornarem uma pessoa melhor.

À minha avó Natércia, por tudo o que me ensinou e proporcionou durante todos estes anos.

À minha família de Coimbra, Inês, Catarina, Filipa, Lana, Jessica e Júlio, por me terem acompanhado em todos os momentos destes últimos anos.

Ao Tiago, por todo o incentivo, carinho e companheirismo.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1. O Bem-estar subjetivo	2
2. Confiança Interpessoal	5
II – Objetivos e hipóteses.....	7
III - Metodologia.....	9
1. Descrição da amostra.....	9
2. Materiais/ instrumentos	11
3. Procedimentos da investigação	14
4. Procedimentos estatísticos.....	14
IV - Resultados	15
1. Adaptação portuguesa da <i>Rotenberg´s Specific Trust Scale-Adults</i>	16
2. Consistência interna das escalas do bem-estar subjetivo.....	19
3. Teste das hipóteses em estudo.....	20
V - Discussão	33
VI - Conclusões.....	39
Bibliografia	41
Anexos	47

Introdução

A psicologia positiva envolve estudos relacionados com as relações positivas, a satisfação com a vida, os afetos positivos, e o bem-estar (Leontopoulou, 2015). Esta perspectiva positiva tem como finalidade alcançar a potencialidade dos sujeitos, considerando as suas origens, capacidades e características individuais (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). A intervenção na psicologia positiva inclui métodos de tratamento ou atividades intencionais que pretendem desenvolver sentimentos, comportamentos e cognições positivas (Sin & Lyubomirsky, 2009).

Neste sentido, no presente trabalho, destacamos o conceito de bem-estar subjetivo e outros conceitos a ele interligados (como a satisfação com a vida e a afetividade), que têm vindo a ganhar uma crescente importância na comunidade científica, devido à promoção da intervenção da psicologia positiva.

No âmbito da presente pesquisa, damos ainda destaque à análise da confiança interpessoal, um conceito que tem demonstrado importância no que se refere à interação com os outros, ao funcionamento psicossocial e à estabilidade emocional do sujeito. Segundo Rotenberg (2010), a confiança desempenha um papel fundamental nas relações românticas e na manutenção de relações de amizade. Desta forma, torna-se pertinente saber como funciona a relação entre a confiança interpessoal, nas relações de proximidade, e o bem-estar subjetivo, de forma a contribuir para a investigação das relações positivas dos sujeitos e do ajustamento do indivíduo.

No que se refere à sua estrutura, o presente estudo integra seis partes distintas. Na primeira parte será apresentado o enquadramento teórico, onde serão descritos os estudos e modelos teóricos referentes ao bem-estar subjetivo e à confiança interpessoal. Em seguida, serão apresentados os objetivos gerais e específicos que integram a investigação, bem como as hipóteses de estudo. Na terceira parte, será apresentada a metodologia de investigação, onde vai ser descrita a amostra, os instrumentos utilizados, os procedimentos da investigação e os procedimentos estatísticos executados. Posteriormente, serão apresentados os resultados do estudo psicométrico das escalas utilizadas e os resultados da análise das hipóteses levantadas. Finalmente, será apresentada a discussão dos resultados e, em seguida, as considerações finais do estudo.

I – Enquadramento conceptual

1. O Bem-estar subjetivo

1.1 A evolução do conceito de bem-estar subjetivo

A psicologia positiva é considerada um domínio amplo, que tem como raízes o humanismo e o construtivismo, e que congrega diversos tópicos de estudo e de investigação como a responsabilidade, a competência, a sabedoria, a criatividade, a esperança, o otimismo, a autenticidade, a compaixão e o bem-estar (Novo, 2005).

O bem-estar tem-se desenvolvido em dois espaços importantes, um no âmbito do desenvolvimento do adulto e da saúde mental e outro mais ligado a aspetos psicossociais, à qualidade de vida e à satisfação com as circunstâncias da vida (Novo, 2003 citado por Nunes, 2009).

O bem-estar subjetivo é uma dimensão positiva da saúde. É considerado, simultaneamente, um conceito complexo, que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva, e um campo de estudo que abrange outros grandes conceitos e domínios como são a qualidade de vida, o afeto positivo e o afeto negativo. É um conceito recente, que tem suscitado, nas últimas décadas, o interesse generalizado de muitas vertentes da psicologia e que tem vindo a reforçar a sua identidade, à medida que os estudos vão confirmando a sua estrutura e sistema de conceitos associados (Galinha & Ribeiro, 2005, p. 204).

O conceito de bem-estar subjetivo abrange vários domínios de estudo da psicologia, nomeadamente a psicologia social, saúde, positiva e clínica. Através da complexidade das diferentes áreas de estudo, o conceito, estrutura e definição de bem-estar subjetivo foi-se desenvolvendo ao longo do tempo. Segundo Galinha (2008), a história do conceito, analisada por vários investigadores, aponta heranças históricas diferentes, relacionadas, precisamente, com a convergência de conceitos de origens teóricas distintas.

O conceito de bem-estar subjetivo terá menos de 50 anos de vida se considerarmos a tese de Wilson, de 1960, como o marco do seu nascimento, uma vez que estuda pela primeira vez o termo de bem-estar como o conhecemos hoje. Na revisão de 1984, Diener distinguiu os processos de base-topo (*bottom-up*) e topo-base (*top-down*) que influenciavam o bem-estar subjetivo. A abordagem de base-topo é construída na ideia de que existem necessidades humana universais, e que em qualquer circunstância a pessoa que satisfazer essas necessidades, vai sentir-se satisfeita, ou seja, feliz (Diener et al., 1999). Na abordagem topo-base, o grau de satisfação necessário para produzir felicidade depende da adaptação ou nível de aspiração, que é influenciado pelas experiências do passado, pelas comparações com outros, pelos valores pessoais e por outros fatores (Galinha, 2008).

Segundo, Galinha e Ribeiro (2005), a evolução do conceito de bem-estar subjetivo passou por duas grandes distinções que determinaram ao

longo do tempo a sua definição. A primeira distinção conceptual está associada à separação do conceito de bem-estar material (*welfare*), ligado a termos económicos (Andrews & Robinson, 1991), e bem-estar global, relacionada com a qualidade de vida, saúde e relações afetivas, etc. O segundo momento de crise na evolução do conceito de bem-estar subjetivo terá sido por volta dos anos 80, quando, pela abrangência da sua nova identidade e pela quantidade de investigação produzida na área do bem-estar, emergiu uma crise na definição do conceito. A resolução dessa crise resultou numa divisão do bem-estar, em bem-estar subjetivo e bem-estar psicológico (Galinha, 2008). Assim, podemos considerar que esta separação conduziu a duas perspetivas distintas de estudo do bem-estar. O bem-estar subjetivo é o campo de estudo que integra as dimensões do afeto (positivo e negativo) e a satisfação com a vida. Por outro lado, o bem-estar psicológico pode ser entendido como o campo que estuda os domínios de autoaceitação, autonomia, controlo sobre o meio, relações positivas, propósito de vida e desenvolvimento pessoal.

1.2 Estrutura do bem-estar subjetivo (BES)

A definição e a estrutura do bem-estar subjetivo têm reunido algum consenso na sequência do seu estudo durante os últimos anos (Galinha, 2008).

O bem-estar subjetivo (BES) é uma ampla categoria que incluiu as respostas emocionais, os domínios de satisfação e os julgamentos globais da satisfação com a vida das pessoas (Diener et al., 1999). Neste sentido, o bem-estar subjetivo também pode ser entendido através da avaliação cognitiva e afetiva que uma pessoa faz à sua vida. Estas avaliações incluem tanto reações emocionais como julgamentos cognitivos de satisfação (Diener, Lucas, & Oishi, 2005). Assim, podemos considerar, que o bem-estar subjetivo é uma medida da qualidade de vida de um indivíduo, mas também da sociedade (Diener, Oishi, & Lucas, 2003).

O bem-estar subjetivo inclui uma componente cognitiva (um juízo, em termos de satisfação global com a própria vida) e uma componente afetiva (as reações emocionais, positivas e negativas, face a esse dito juízo) (Simões et al., 2003). Neste sentido, é consenso para muitos autores que o bem-estar subjetivo inclui duas dimensões: a cognitiva – conceptualizado como a satisfação com a vida – e a afetiva – conceptualizada como afeto positivo e afeto negativo, isto é, felicidade ou tristeza respetivamente (Galinha, 2008). Desta forma, o bem-estar subjetivo é uma reação avaliativa das pessoas à sua própria vida – quer em termos de satisfação com a mesma (avaliação cognitiva), quer em termos de afetividade (reações estáveis) (Diener & Diener, 1995 citado por Simões et al., 2003).

Na dimensão cognitiva do bem-estar subjetivo, a satisfação com a vida é um processo de julgamento cognitivo que depende de uma comparação das circunstâncias de vida do próprio com o que ele acredita ser um padrão adequado (Diener, 1984). Autores como Simões et al., (2000)

referem que a qualidade de vida inclui duas dimensões, as condições de vida e as circunstâncias de vida. Por outro lado, a dimensão afetiva é representada por dois fatores independentes: a afetividade positiva (PA), que se baseia na tendência para experimentar sentimentos e emoções positivas, como a alegria, o entusiasmo e a felicidade, e a afetividade negativa (NA), que se traduz pela tendência de experienciar emoções negativas, como a vergonha, culpa e tristeza.

É importante salientar que as componentes construtivas do bem-estar subjetivo, isto é, a satisfação com a vida, a afetividade positiva e a afetividade negativa estão relacionadas entre si, mas são também consideradas dimensões independentes umas das outras (Simões et al., 2003). Estas três dimensões são, empiricamente, distintas e devem ser estudadas, individualmente, para se ter uma visão completa do bem-estar subjetivo global (Diener & Lucas, 1999; Lucas, Diener, & Suh, 1996 citado por Simões et al., 2003, p. 6).

Relativamente aos estudos, as revisões de literatura demonstram (Simões et al., 2000; Diener et al., 1999; DeNeve & Cooper, 1998; Diener, 1984; Veenhoven, 1984) que os fatores sociodemográficos explicam apenas uma pequena parte do bem-estar subjetivo (Simões et al., 2003).

A idade é uma das variáveis muito estudadas pelos investigadores do bem-estar subjetivo. Foi possível observar que as correlações entre o bem-estar subjetivo e a idade são pequenas (Lima et al., 2001; Simões et al., 2000; Argyle, 1999; Veenhoven, 1984; Stock, Okun, Haring, & Witter, 1983; Simões et al., 2003). As revisões de literatura também demonstraram que com a idade tende a aumentar a afetividade positiva e a satisfação com a vida, e a diminuir ou manter-se estável a afetividade negativa (Simões et al., 2000).

A variável género também não revela um efeito significativo sobre o bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000; Diener & Diener, 1995; Veenhoven, 1984; Simões et al., 2003). Relativamente a variáveis como o estado civil, a generalidade dos estudos demonstra correlações positivas entre o bem-estar subjetivo e a condição de estar casado (Simões et al., 2000). As relações de amizade também demonstram estar correlacionadas positivamente com o bem-estar subjetivo. As investigações evidenciam correlações positivas entre o contacto com amigos e o bem-estar subjetivo (Argyle, 1999; Myeres, 1999; Veenhoven, 1984 citado por Simões et al., 2003, p. 9).

De acordo com Argyle (1999), a variável saúde apresenta ter um maior efeito sobre o bem-estar subjetivo. Igualmente, os traços de personalidade revelaram correlações significativas com o bem-estar-subjetivo (DeNeve & Cooper, 1998; Diener, Oishi, & Cooper, 2003; Lima & Simões, 1999; Simões, et.al 2000).

Por fim, relativamente a estudos que correlacionem a confiança e o bem-estar subjetivo, vale a pena sublinhar que são muito escassos. Num estudo realizado por DeNeve e Cooper (1998), foi possível observar que a

confiança e a estabilidade emocional eram bons preditores do bem-estar subjetivo (Lima et al., 2001).

2. Confiança Interpessoal

2.1 Conceito de Confiança Interpessoal

A noção de confiança é crucial para o funcionamento psicossocial como foi avançado desde o início da psicologia contemporânea (Rotenberg, 2010). Segundo Simpson (2007), a confiança deve ser entendida como o ingrediente mais importante para o desenvolvimento e manutenção da felicidade e do bom funcionamento das relações. A confiança também pode ser definida como um estado psicológico que compreende a intenção de aceitar a vulnerabilidade baseada nas expectativas positivas das intenções do comportamento do outro (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998).

As principais teorias, que incluem a Teoria de Vinculação (Bowlby, 1969) e a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial (Erikson, 1963), construíram-se na premissa de que elevados níveis de confiança nas relações precoces criam as bases psicológicas para a felicidade e para o bom funcionamento das relações na vida adulta (Simpson, 2007). Desta forma, a confiança é formada durante a infância e afeta o funcionamento psicossocial durante o ciclo de vida (Rotenberg, 2010).

A confiança não é um comportamento (por exemplo, a cooperação) ou uma escolha (por exemplo, correr um risco), mas sim uma condição psicológica que pode causar resultados de certas ações. O risco e a interdependência são condições necessárias para a confiança, e as variações destes fatores ao longo de uma relação entre partes, podem alterar tanto o nível e a forma como foi construída a confiança (Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998).

A confiança tem um papel crítico na formação e na manutenção de amizades (Rotenberg, 1991), de relacionamentos amorosos (Lamm, 1998), e de relacionamentos em organizações empresariais (Kramar & Tayler, 1996). A disposição dos indivíduos para confiar nos outros está ligada à longevidade, saúde física, bem-estar psicológico e performance académica (Bernarth & Feshbach, 1995; Barefoot et al., 1998 citado por Rotenberg, 2001).

A confiança interpessoal é definida como a expectativa de um indivíduo ou grupo, em como a palavra, promessa ou declaração, verbal ou escrita, de outro indivíduo ou grupo, pode ser invocada (Rotter, 1967). A confiança interpessoal é considerada como uma faceta crítica das relações sociais no adulto e crianças ao longo do desenvolvimento (Rotenberg, 1991; Rotter, 1980; Rotenberg, 2010).

2.2 Modelo e Teoria de Rotenberg

O modelo de Rotenberg (1994) é uma das possíveis conceptualizações da confiança interpessoal. Este modelo tem a particularidade de entender a confiança interpessoal como recíproca e bidirecional. Assim, uma das qualidades da confiança interpessoal é esta ser recíproca ou mútua (Larzelere & Huston, 1980; Lindsold, 1978; Rotenberg & Pilpenko, 1984 citado por Rotenberg, 1994), o que nos permite refletir sobre o efeito bidirecional da confiança entre os indivíduos.

Rotenberg (1994) refere que a esta confiança recíproca é conseguida ou alcançada através: de reciprocidade comportamental, na qual a confiança entre indivíduos coincide, e de reciprocidade verbal, na qual as expressões verbais de confiança também coincidem entre indivíduos.

Desta forma, o modelo de Rotenberg (1994) compreende a existência de três bases da confiança, três domínios e duas dimensões (3 *bases* x 3 *domains* x 2 *target dimensions*, BDT) (Rotenberg, 1994; 2001; Rotenberg et al., 2008; Rotenberg, 2010). As três bases de confiança consideradas neste modelo são: a fidelidade (*reliability*) – que se refere ao cumprimento da palavra ou promessa de uma pessoa; a confiança emocional (*emotional trust*) - que se refere ao princípio de que os outros se abstêm de causar danos emocionais, estão disponíveis para revelações, mantêm a confidencialidade das mesmas, abstêm-se de críticas e evitam atos que fomentam constrangimentos; e a honestidade (*honesty*) – que se refere a uma pessoa dizer a verdade e a dedicar-se a comportamentos que sejam guiados por intenções benignas e estratégias genuínas em vez de intenções maliciosas e estratégias manipulativas e traiçoeiras (Rotenberg, 1994; Rotenberg, 2001; Rotenberg et al., 2008; Rotenberg, 2010).

Os três domínios da confiança referidos são: o cognitivo/ afetivo (*cognitive/affective*), que compreende as crenças individuais e reações emocionais demonstradas nas três bases de confiança; o domínio da confiança dependente do comportamento (*behavior-dependent*), que se refere à tendência comportamental de esperar que os outros sejam fieis e honestos; e o domínio da iniciativa de comportamento (confiabilidade – *trustworthiness*) que compreende ao envolvimento comportamental do indivíduo nas três bases da confiança (Rotenberg, 2010).

Existem ainda duas dimensões da confiança que correspondem à especificidade e à familiaridade. A especificidade (*specificity*) oscila entre confiança generalizada e que é dirigida a alguém em particular. Na familiaridade (*familiarity*) a confiança varia entre os níveis de “não familiar” e “muito familiar”.

Estudos revelaram que, no período entre o jovem adulto (20-29 anos) e o adulto de meia-idade (30-55 anos), é comum que os indivíduos se envolvam em relacionamentos românticos mais longos e que comecem a executar um trabalho. Neste período é possível destacar a confiança no contexto de um relacionamento romântico. Também foi possível constatar que a confiança individual de parceiros, em contextos de casamentos, está

associada ao amor e às crenças de que os mesmos se preocupam com o bem-estar individual (Rempel et al., 1985 citado por Rotenberg, 1994, p. 7867). Neste sentido, o período da idade adulta mais avançada (55-75 anos) é marcada pela preocupação individual sobre a qualidade de vida e pela saúde física. A confiança nos adultos mais velhos centra-se na extensão de relacionamentos com os filhos, redes sociais e agências sociais que podem promover ajuda e cuidado, a estabelecer ou manter uma qualidade de vida satisfatória (Bierhoff, 1992; Rotenberg, 2001).

Ao concluir a abordagem do modelo de confiança interpessoal proposto por Rotenberg, importa referir que são inexistentes as pesquisas que relacionem os diversos aspetos da confiança com o conceito de bem-estar subjetivo.

II – Objetivos e hipóteses

De acordo com a revisão bibliográfica, podemos estabelecer uma série de objetivos, gerais e específicos, de forma a explicitar as questões e variáveis envolvidas no estudo.

Esta investigação pretende estudar a confiança interpessoal, tanto nas relações com o melhor amigo como no relacionamento com o par amoroso, assim como a sua relação com o bem-estar subjetivo, tendo em conta a satisfação com a vida, a afetividade positiva e afetividade negativa, e ainda certas variáveis sociobiográficas. Assim, foram definidos como objetivos gerais desta investigação:

- I. Dar um contributo para o estudo das características psicométricas dos instrumentos utilizados, apresentando um estudo de validade de conteúdo e de fidelidade para a adaptação portuguesa da escala *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (2013; adaptação portuguesa: Vale-Dias & Franco-Borges, 2014, destinada ao melhor amigo e par amoroso, e apresentando ainda um estudo de fidelidade para a Escala de Satisfação com a Vida – SWLS (Simões, 1992) e para a Escala de Afetividade Positiva e Negativa – PANAS (Galinha e Pais-Ribeiro, 2005).
- II. Explorar a relação entre a confiança interpessoal (relativamente ao melhor amigo e par amoroso) e o bem-estar subjetivo.
- III. Explorar o papel das variáveis sociobiográficas na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo.

Neste sentido, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- I. Explorar a relação entre os níveis de confiança interpessoal, para com o par amoroso e para com o melhor amigo, e as dimensões do bem-estar subjetivo, nomeadamente, satisfação com a vida e afetividade positiva e negativa.

- II. Testar o possível efeito preditor da confiança interpessoal sobre o bem-estar subjetivo.
- III. Explorar as possíveis diferenças em termos de níveis de confiança interpessoal e bem-estar subjetivo, atendendo às diferenças sociobiográficas.
- IV. Explorar possíveis variáveis sociobiográficas com efeito preditor na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo.

Por fim, considerando a literatura prévia e os objetivos delineados, as hipóteses levantadas neste estudo são as seguintes:

Hipótese 1 - Níveis mais elevados de confiança interpessoal associam-se a níveis mais elevados de afeto positivo e satisfação com a vida e a níveis mais baixos de afeto negativo.

Hipótese 2 - Níveis mais altos de confiança interpessoal predizem níveis mais elevados de bem-estar subjetivo.

Hipótese 3 - A idade, o nível socioeconómico, bem como o o número de meses de namoro e os problemas de vida relatados, associam-se significativamente aos níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo.

Hipótese 4 - Existem diferenças na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo, atendendo ao género. É esperado que os níveis de confiança interpessoal, satisfação com a vida e afeto negativo sejam mais elevados e níveis de afeto positivo sejam mais baixos no género feminino.

Hipótese 5 - Existem diferenças na confiança interpessoal no par amoroso e no bem-estar subjetivo, atendendo a ter tido ou não um relacionamento amoroso com duração superior a 6 meses. É esperado que tendo um relacionamento com duração superior a 6 meses, os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo sejam inferiores.

Hipótese 6 - Existem diferenças na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo, atendendo à idade. É esperado que os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo aumentem com a idade.

Hipótese 7 - A magnitude das associações entre os problemas relatados, por um lado, e a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo, por outro, varia segundo os diferentes tipos de problemas, nomeadamente: ansiedade, *stress*, tabaco, relações amorosas e de ordem familiar.

Hipótese 8 - O índice de problemas de vida tem influência na confiança interpessoal no par amoroso e no bem-estar subjetivo. Níveis mais elevados no índice de problemas predizem níveis mais baixos de confiança interpessoal no par amoroso, satisfação com a vida e afeto positivo e níveis mais elevados de afeto negativo.

III - Metodologia

1. Descrição da amostra

A amostra utilizada neste estudo é composta por um total de 303 sujeitos, sendo que 69% pertencem ao sexo feminino e 31% ao sexo masculino (cf. Tabela 1). Relativamente à média de idades da amostra, esta situa-se nos 33.22 anos (DP = 14.01) (cf. Tabela 2). Também foi realizada a distribuição da idade por três grupos distintos, sendo eles: adultos emergentes (18 aos 24 anos) – respetivamente 42.2% da amostra; jovens adultos (25 aos 44 anos) – 30.4%; e os adultos de meia-idade (45 aos 65 anos) – representando 26.1% dos sujeitos (cf. Tabela 3).

Foi possível observar que 98% dos sujeitos tem nacionalidade portuguesa (cf. Anexo 1, Tabela 4). Detetaram-se algumas oscilações do *N* devido ao número de *missings values*.

Tabela 1. Frequências e percentagens em função do sexo na amostra total (N=303)

Sexo	N	Percentagem %
Feminino	209	69%
Masculino	94	31%
Total	303	100%

Tabela 2. Características gerais em relação à idade da amostra total (N=299)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Moda	DP
Idade	299	18	65	33.22	28	14.01

Tabela 3. Frequências e percentagens da distribuição da amostra em função da idade (N=303)

Grupos de idade	Frequência	Percentagem %
18 – 24 Anos	128	42.2%
25 – 44 Anos	92	30.4%
45 – 65 Anos	79	26.1%
Não responde	4	1.3%
Total	303	100%

Nesta investigação foi seguida a classificação do nível socioeconómico de Simões (2000). Para a caracterização do nível socioeconómico, foram pedidas informações relativas à instrução educacional e profissão dos sujeitos, assim como dos seus pais. Foi possível calcular, através da informação fornecida (cf. Anexo 1, Tabela 5 e Tabela 6), o nível socioeconómico de 278 sujeitos.

Podemos observar que o nível “Médio” abrange o maior número de sujeitos 40.3%, seguindo-se o nível “Baixo” com 28.7% e, por fim, o nível “Alto” com 22.8% dos sujeitos (cf. Tabela 7).

Tabela 7. Frequências e percentagens do nível socioeconómico (N=303)

Nível socioeconómico	Frequência	Percentagem %
Baixo	87	28.7%
Médio	122	40.3%
Alto	69	22.8%
Não responde	25	8.3%
Total	303	100%

Relativamente à ocupação dos sujeitos (cf. Anexo 1, Tabela 8), também foi possível fazer a distribuição através da Classificação Portuguesa de Profissões, 2010 – CPP (2011), através da informação fornecida.

Desta forma, 109 sujeitos são estudantes (36%), 63 sujeitos são especialistas em atividades científicas e intelectuais (20.8%), 36 sujeitos são técnicos e profissionais de nível intermédio (11.9%), 20 sujeitos são profissionais de serviços pessoais de proteção e segurança e vendedores (6.6%), 15 sujeitos são trabalhadores não qualificados (5%), 12 sujeitos são trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices (4%), 9 sujeitos fazem parte do pessoal administrativo (3%), 5 sujeitos são operadores de instalações de máquina e trabalhadores da montagem (1.7%), 2 sujeitos são representantes do poder legislativo, órgãos executivos, direção e gestores (0.7%) e, por último, também 2 sujeitos são agricultores ou trabalhadores qualificados da agricultura da pesca e da floresta (0.7%).

Em relação ao local de residência, foi possível fazer a distribuição dos sujeitos por NUTS II¹ (cf. Tabela 9). Assim, podemos observar que a maioria dos sujeitos reside no centro do país (260 sujeitos, 85.8%). Na zona norte residem 30 sujeitos (9.9%). Existem ainda 5 sujeitos (1.7%) que residem na Área Metropolitana de Lisboa, 3 sujeitos (1%) que residem no Algarve, 2 sujeitos na Região Autónoma dos Açores (0.7%) e 1 sujeito (0.3%) que reside no Alentejo.

Tabela 9. Distribuição do local de residência por NUTS II (N=303)

Local de residência por NUTS II	Frequência	Percentagem %
Norte	30	9.9%
Centro	260	85.8%
Área Metropolitana de Lisboa	5	1.7%
Alentejo	1	0.3%
Algarve	3	1%
Região Autónoma dos Açores	2	0.7%
Não responde	2	0.7%
Total	303	100%

Quanto ao estatuto marital dos sujeitos (cf. Tabela 10), a maioria refere que é solteira (167 sujeitos, 51.1%). Foi possível observar ainda que 91 sujeitos (30%) referem estar atualmente casados e a viver com o cônjuge. Cerca de 24 sujeitos (7.9%) afirma que vive numa união consensual.

¹ NUTS II – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos.

Existem ainda 11 sujeitos (3.6%) que estão divorciados, 6 sujeitos (2%) são viúvos e apenas 1 sujeito (0.3%) afirma que é casado, mas que vive com alguém sem ser o cônjuge.

Relativamente às questões sobre relacionamentos amorosos: 83.5% (253 sujeitos) referem que mantêm ou mantiveram um relacionamento com duração superior a 6 meses (cf. Anexo 1, Tabela 11); 206 sujeitos (68%) referem que mantêm atualmente um relacionamento (cf. Anexo 1, Tabela 12); por fim, apenas 195 destes sujeitos referem o tempo de duração deste relacionamento que em média é de 137.46 meses (cerca de 11 anos) (cf. Tabela 13).

Tabela 10. Frequência e percentagem do estatuto marital (N=303)

Estatuto marital	Frequência	Percentagem %
Casado(a) e a viver com o cônjuge	91	30%
Casado(a) mas viver com alguém sem ser o cônjuge	1	0.3%
Não casado(a), mas a viver com alguém (união consensual)	24	7.9%
Separado (casado(a), mas não a viver com o cônjuge)	2	0.7%
Divorciado	11	3.6%
Viúvo(a)	6	2%
Solteiro (nunca casado)	167	55.1%
Não responde	1	0.3%
Total	303	100%

Tabela 13. Características gerais em relação ao tempo de relacionamento (em meses) (N=195)

	N	Mínimo	Máximo	Média	Moda	DP
Tempo de relacionamento	195	2	516	137.46	36	135.96

2. Materiais/ instrumentos

Nesta investigação foram utilizados quatro instrumentos para a recolha de dados, sendo eles: o Questionário Sociobiográfico (uma adaptação de Rohner, 2008), duas versões da adaptação portuguesa da escala *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), com o duplo objetivo de avaliar a confiança no par amoroso e a confiança no melhor amigo, a versão portuguesa da Escala de Afetividade Positiva e Negativa – PANAS (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005) e a versão portuguesa da Escala de Satisfação com a Vida – SLWS (Simões, 1992).

2.1 Questionário Sociobiográfico

O Questionário Sociobiográfico utilizado segue o modelo do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008). Este questionário tem como principal objetivo fornecer informação que permita caracterizar a amostra. Desta forma, o instrumento inclui dados pessoais relativos ao sujeito, como por exemplo: o sexo, a idade, a nacionalidade, as habilitações literárias, a situação profissional, o estatuto marital, o local de residência e local de nascença. Também inclui questões relativas aos pais do sujeito, nomeadamente: área de residência, nacionalidade, naturalidade, habilitações literárias e emprego. Ao serem adicionadas questões de interesse específico para a presente pesquisa, também é perguntado se os sujeitos já estiveram numa relação amorosa com mais de seis meses de duração, se atualmente mantêm uma relação amorosa, e se sim, é pedido que refiram o tempo de duração da relação. Por fim, é apresentada uma lista de problemas/dificuldades diversos (por exemplo, ansiedade, depressão, tabaco, ordem familiar, etc.), a que os sujeitos têm que responder se sentem ou não estes problemas.

2.2 Adaptação portuguesa da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*

A *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (Rotenberg, 2013) foi desenvolvida a partir da escala de Johnson-George e Swap (1982), a *Interpersonal Trust Scale* (SIT). A escala do estudo original de Johnson-George e Swap (1982) permite medir a confiança interpessoal no par amoroso através de uma subescala de confiabilidade com 10 itens e uma subescala emocional também com 10 itens, que implica a avaliação numa escala de tipo *Likert* (1 – Concordo totalmente a 9 - Discordo totalmente). Neste sentido, quanto menor for a pontuação total, maior é a confiança sentida pelos indivíduos. Em termos de consistência interna, esta escala apresentou um *Alpha de Cronbach*.71 e .83 (Jonhson-George & Swap, 1982).

A adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal foi desenvolvida por Vale-Dias e Franco-Borges (2014) e tem como finalidade medir a confiança dos adultos. Esta escala é composta por 10 itens, que implicam juízos numa escala do tipo *Likert* de 9 pontos (1 – Concordo Totalmente a 9 – Discordo Totalmente).

2.3 Versão portuguesa da Escala de Afetividade Positiva e Negativa (PANAS)

A *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS) foi desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen, em 1988, e tem como objetivo avaliar a componente afetiva do bem-estar subjetivo. A escala original é constituída por 20 itens (10 itens que avaliam o afeto positivo e 10 itens que avaliam o

afeto negativo), numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos (1 – Muito pouco ou nada a 5 – MUITÍSSIMO). Relativamente à consistência interna, foi possível obter um *Alpha de Cronbach* de .88 na subescala do afeto positivo e .87 na subescala de afeto negativo (Watson et al., 1988).

A versão portuguesa da Escala de Afetividade Positiva e Negativa foi realizada por Simões, em 1993. Esta escala é composta por 22 itens (mais dois itens que a original): 11 itens que avaliam o afeto positivo e 11 itens que avaliam o afeto negativo. Os itens também são avaliados numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos. Esta versão teve um *Alpha de Cronbach* de .82 na subescala do afeto positivo e .85 na subescala de afeto negativo (Simões, 1993).

Nesta investigação, foi utilizada a versão portuguesa da Escala de Afetividade Positiva e Negativa de Galinha e Pais-Ribeiro (2005). Como na escala original, esta versão também é composta por 20 itens (10 itens para a avaliação da subescala do afeto positivo e 10 itens para a avaliação da subescala de afeto negativo), que são avaliados também numa escala de tipo *Likert* de 5 pontos (1- Nada ou muito Ligeiramente a 5 – Extremamente).

Desta forma, é pedido aos sujeitos que avaliem as suas emoções nos últimos dias ou nas últimas semanas. Ao nível da consistência interna, foi possível observar valores na subescala de afeto positivo de um *Alpha de Cronbach* de .86 e na subescala de afeto negativo de .89 (Galinha & Pais-Ribeiro, 2005).

2.4 Versão portuguesa da Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)

A *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) foi desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin, em 1985, e tem como finalidade avaliar a componente cognitiva do bem-estar subjetivo através da satisfação global de jovens, adultos e idosos. É constituída por apenas cinco itens que são avaliados numa escala tipo *Likert* de 7 pontos (1 – Discordo muito a 7 – Concordo muito). No final, é contabilizada uma pontuação total que pode variar entre 5 e 35 pontos.

A escala original demonstrou uma boa consistência interna (*Alpha de Cronbach* de .87) (Diener et al., 1985). Em 1993, esta escala foi revista por Pavot e Diener, demonstrando boas qualidades psicométricas, como por exemplo a validade de construto (estrutura unifatorial e bons níveis de consistência interna).

A primeira adaptação portuguesa da Escala de Satisfação com Vida (SWLS) foi realizada por Neto, Barros e Barros, em 1990, e apresentou qualidades psicométricas favoráveis, nomeadamente uma consistência interna de .78.

Na adaptação portuguesa de Simões, em 1992, a escala de avaliação dos itens de tipo *Likert* sofreu uma alteração, passando de 7 para 5 pontos (1 – Discordo muito a 5 – Concordo muito). Desta forma, a nota total pode variar entre 5 a 25 pontos. Também foi possível observar que esta escala

obteve boas qualidades psicométricas (consistência interna .77; validade preditiva e validade convergente) (Simões, 1992).

3. Procedimentos da investigação

Numa primeira fase, foi elaborado o protocolo de investigação (cf. Anexo, 2) que inclui: o Consentimento Informado (de forma a dar informações legais sobre a investigação, nomeadamente a garantia do anonimato do sujeito) (APA, 2010; Ordem dos Psicólogos, 2011); o Questionário Sociobiográfico; a PANAS; a SWLS; e duas versões da adaptação portuguesa da escala de *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults* (uma referente ao melhor amigo e outra ao par amoroso).

De seguida, foi iniciada a recolha de dados, que decorreu entre Maio e Novembro de 2015. No começo, o protocolo de investigação foi passado aos alunos da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Posteriormente, foi passado à rede pessoal de contactos, seguindo apenas o critério de ter idade compreendida entre 18 e 65 anos.

No ato do preenchimento do protocolo, coletivamente ou individualmente, também foram fornecidas algumas instruções adicionais, nomeadamente a importância da assinatura do consentimento por parte dos indivíduos e a possibilidade de recusarem a sua participação. Também foram respondidas algumas dúvidas apresentadas pelos sujeitos.

4. Procedimentos estatísticos

Após a recolha de dados estar concluída, procedeu-se ao tratamento e análise dos dados recolhidos através do programa estatístico *SPSS – Statistical Package of Social Science – versão 22* (Martins, 2011; Pereira, 2003; Pestana & Gajairo, 2008).

Será importante referir que, numa fase inicial da análise dos dados, foi testada a normalidade das distribuições amostrais das variáveis em estudo, através do Teste do *Kolmogorov-Smirnov*. Neste sentido, foi possível concluir que as variáveis não seguem uma distribuição normal, por isso optou-se pela utilização de testes não paramétricos.

Também será relevante referir que os itens da Escala de Confiança Interpessoal foram invertidos, de forma a que valores mais elevados na escala correspondam diretamente a níveis mais elevados de confiança.

As estatísticas descritivas utilizadas na análise foram: as Medidas de Tendência Central – que inclui a Média, Mediana e Soma; as Medidas de Dispersão – Desvio Padrão (DP), Variância, Mínimo e Máximo; e as Medidas de Frequência – que inclui as Frequências Absolutas (N) e Frequências Relativas (%) (Pestana & Gajairo, 2008).

De forma a contribuir para a adaptação portuguesa das duas Escalas de Confiança Interpessoal (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), realizaram-se duas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) com a finalidade de validar o

constructo das escalas referentes ao par amoroso e melhor amigo. A AFE procura explicar a correlação entre variáveis observáveis, simplificando os dados através da redução do número de variáveis necessárias para os descrever. Neste sentido, pressupõe a existência de um número menor de variáveis não observáveis subjacentes aos dados (fatores), que expressam o que existe de comum nas variáveis originais (Pestana & Gageiro, 2008).

Já a fidelidade das diferentes escalas, incluídas na investigação, foi testada através do *Alpha de Cronbach*. Para a interpretação dos resultados, foram seguidos os valores de *Alpha de Cronbach* de Nunally (1978): valores superiores a .90 são considerados excelentes, entre .80 e .90 são bons; entre .70 e .80 são razoáveis; entre .60 e .70 são fracos, e menores que .60 são considerados inaceitáveis.

De forma a testar a associação entre variáveis foi utilizado o Coeficiente de Correlação de *Spearman*. Relativamente à sua interpretação, foram seguidas as normas de Pestana e Gageiro (2008), que sugerem que: um r menor que .2 indica uma correlação muito baixa; entre .2 e .3 é considerada baixa; entre .4 e .69 é moderada; entre .7 e .89 é alta; e entre .9 e 1 é uma associação considerada muito alta.

Foi utilizado o teste não paramétrico *U de Mann-Whitney*, que compara o centro de localização de duas amostras, como forma de detetar diferenças entre duas populações correspondentes.

Foi executada uma *One-Way Anova* que pode ser utilizada para testar diferenças entre diversas situações e para duas ou mais variáveis (Pereira, 2003). Posto isto, foi também utilizado o teste *post-hoc de Bonferroni* que é considerado um teste conservador que permite controlar o erro tipo I (rejeitar a hipótese nula quando esta é verdadeira).

Por último, para testar o papel preditivo de algumas variáveis, foi utilizado o Modelo de Regressão Linear Simples que analisa a relação entre duas variáveis de natureza quantitativas X e Y (Pestana & Gageiro, 2008).

IV - Resultados

Numa primeira fase serão apresentados os estudos exploratórios das Escalas de Confiança Interpessoal, que foram realizados através da execução de duas análises fatoriais, tendo em conta os seus dois alvos (par amoroso e melhor amigo). Posteriormente, será apresentado o estudo de fidelidade das escalas do bem-estar subjetivo e, por último, serão apresentados os resultados referentes às hipóteses delineadas.

1. Adaptação portuguesa da *Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*

1.1 Análise Fatorial Exploratória da Escala de Confiança Interpessoal no Par Amoroso

De forma a contribuir para a adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014), realizou-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE) com a finalidade de validar o constructo da escala referente ao par amoroso. Na adaptação portuguesa da escala, foi proposta a existência de dois fatores, *emocional* e *fidelidade* (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014).

Foi realizada uma primeira AFE, como forma de analisar a adequação da das correlações entre os itens da escala. Foi efetuado o Teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO=.952$) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett* ($p=.000$), que demonstraram que os valores seriam adequados para a análise (cf. Tabela 1). Procedeu-se assim para a avaliação dos valores de saturação (ou correlação) de cada item da escala. Foi possível observar que os itens 1 e o 4 deveriam ser excluídos, por obterem valores de saturação considerados baixos (.245 e .418, respetivamente) (cf. Anexo 3, Tabela 2).

Assim, foi realizada novamente a AFE com os restantes itens (2,3,5,6,7,8,9 e 10), que obtiveram valores de saturação aceitáveis. Voltou-se a analisar o Teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO=.950$) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett* ($p=.000$), que demonstraram novamente a adequação da análise.

Tabela 1. Valores do Teste de KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (para 10 itens e 8 itens)

Kaiser-Meyer-Olkin	Teste de Esfericidade de Bartlett	Nº de itens
.952	.000	10
.950	.000	8

Foi utilizado o método de extração da Factorização do Eixo Principal (*Principal Axis Factoring*) e o método de rotação oblíqua *Promax*. Depois da extração dos fatores foi possível verificar que os valores dos itens 2,3,5 e 6 têm saturações superiores no fator 1 (*emocional*) e os itens 7,8,9 e 10 no fator 2 (*fidelidade*) (cf. Tabela 3).

Tabela 3. Valor das saturações dos itens por fatores através da rotação Promax

Itens	Fator 1	Fator 2	h^2
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.837	.128	.900
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.803	.117	.818
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.716	-.221	.831
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.626	.296	.798
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.476	.518	.918
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.255	.742	.942
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.345	.654	.934
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.044	.846	.781

Relativamente ao total da variância explicada pelos 2 fatores (cf. Tabela 4), ela é de cerca 86.54%. Mais propriamente, o total da variância explicada pelo fator 1 é de 84.51% e a do fator 2 é de 2.03%.

Tabela 4. Total da Variância Explicada da Extração da Factorização do Eixo Principal

Fator	Total	% Variância	% Acumulada
1	6.76	84.51	84.51
2	.162	2.03	86.54

A fidelidade da escala foi testada inicialmente através da análise da consistência interna, tendo sido obtido um *Alpha de Cronbach* considerado excelente ($\alpha = .907$). Após a remoção dos itens 1 e 4, o *Alpha de Cronbach* voltou a ser calculado para os oito itens da escala, sofrendo um pequeno aumento ($\alpha = .977$) (cf. Tabela 5).

No que concerne à consistência interna dos fatores obtidos, no fator *emocional* (item 2,3,5 e 6) obteve-se um *Alpha de Cronbach* considerado excelente ($\alpha = .952$); e no fator *fidelidade* (itens 7,8,9 e 10) obteve-se também um *Alpha de Cronbach* considerado excelente ($\alpha = .967$) (cf. Anexo 3, Tabela 6).

Tabela 5. Consistência interna da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso (10 itens e 8 itens)

<i>Alpha de Cronbach</i>	Itens removidos	Nº de itens
.907	0	10
.977	2	8

1.2 Análise Fatorial Exploratória da Escala de Confiança Interpessoal no Melhor Amigo

Também foi realizada a validade de constructo da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo. Esta análise passou por um processo muito idêntico à da escala de confiança no par amoroso. Neste sentido, foi realizada uma primeira AFE, onde foi possível obter resultados que demonstraram a adequação da análise fatorial. No Teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* ($KMO = .939$) e no Teste de Esfericidade de *Bartlett* ($p = .000$), obtiveram-se resultados considerados muito bons (Pestana & Gageiro, 2008) (cf. Tabela 7). De seguida, foram analisados os valores de saturação dos itens da escala, onde foi possível observar mais uma vez, que os itens 1 e 4 deveriam ser excluídos por obterem saturações consideradas baixas (.270 e .335) (cf. Anexo 3, Tabela 8).

Foi novamente realizada a AFE para os oito itens restantes, onde foi possível obter resultados ($KMO = .935$; $p = .000$) adequados para a realização da análise.

Tabela 7. Valores do Teste de KMO e Teste de Esfericidade de Bartlett (para 10 itens e 8 itens)

Kaiser-Meyer-Olkin	Teste de Esfericidade de Bartlett	Nº de itens
.939	.000	10
.935	.000	8

Foi mais uma vez utilizado o método de extração da Factorização do Eixo Principal (*Principal Axis Factoring*) e o método de rotação oblíqua *Promax*. Após a extração dos fatores foi possível verificar que os valores dos itens 2,3,5,6,7 e 8 tem saturações superiores no fator 1 (*emocional*) e os itens 9 e 10 no fator 2 (*fidelidade*) (cf. Tabela 9). É importante referir que no artigo original, os itens 7 e 8 pertencem ao fator *fidelidade*

Os dois fatores estabelecidos explicam cerca de 74.87% do total da variância. Por si só o fator *emocional* explica cerca de 70.57% do total da variância e o fator *fidelidade* explica cerca de 4.31% do total da variância (cf. Tabela 10).

Tabela 9. Valor das distribuições dos itens por fatores através da rotação Promax

Itens	Fator 1	Fator 2	h^2
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.856	-.030	.694
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.798	-.022	.610
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.841	.114	.873
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.791	.036	.671
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.646	.242	.723
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.703	.221	.790
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.308	.643	.822
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	-.084	.964	.808

Tabela 10. Total da Variância Explicada da Extração da Factorização do Eixo Principal

Fator	Total	% Variância	% Acumulada
1	5.645	70.57	70.57
2	.345	4.31	74.87

Nas questões de fidelidade da escala de confiança para o melhor amigo, na primeira análise com os dez itens iniciais, foi possível obter um *Alpha de Cronbach* considerado muito bom ($\alpha = .850$). Depois de terem sido removidos os itens 1 e 4, o valor do *Alpha de Cronbach* aumentou, passando a ser considerado um valor excelente ($\alpha = .947$) (cf. Tabela 11). Por último, a consistência interna no fator *emocional* (itens 2,3,4,5,6,7 e 8) obteve um valor considerado excelente ($\alpha = .938$), e no fator *fidelidade* obteve um *Alpha de Cronbach* considerado bom ($\alpha = .883$) (cf. Anexo 3, Tabela 12).

Tabela 11. Consistência interna da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo (10 itens e 8 itens)

<i>Alpha de Cronbach</i>	Itens removidos	Nº de itens
.850	0	10
.947	2	8

2. Consistência interna das escalas do bem-estar subjetivo

Com a finalidade de contribuir para o estudo psicométrico das escalas que compõem o bem-estar subjetivo, procedeu-se ao estudo da fidelidade das mesmas através do *Alpha de Cronbach*.

Desta forma, a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) revelou uma consistência interna considerada boa ($\alpha = .866$). Já a Escala de Afetividade

Positiva e Negativa revelou valores excelentes na subescala de Afeto Positivo ($\alpha = .901$) e valores considerados bons na subescala de Afeto Negativo ($\alpha = .884$).

3. Teste das hipóteses em estudo

3.1 Estudo da relação entre a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo

Hipótese 1: Níveis mais elevados de confiança interpessoal associam-se a níveis mais elevados de afeto positivo e satisfação com a vida e a níveis mais baixos de afeto negativo.

De forma a analisar as relações de associação entre a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo, procedeu-se à execução do Coeficiente de Correlação de *Spearman*.

É possível observar (cf. Tabela 13) que as correlações entre a confiança interpessoal no melhor amigo foram consideradas baixas. No caso específico da escala de SWLS obteve-se uma correlação baixa ($r = .291$), com um resultado estatisticamente significativo ($p = .000$). A subescala de Afeto Positivo (PA) também obteve uma correlação baixa ($r = .230$), apresentado também um resultado significativo ($p = .000$). Já a subescala de Afeto Negativo (NA) obteve uma correlação negativa baixa ($r = -.299$), revelando também um resultado significativo ($p = .000$). Relativamente às correlações com o fator *emocional* e o fator *fidelidade*, é possível observar correlações baixas significativas com todas as escalas do bem-estar subjetivo. Por fim, a escala de SWLS também apresenta correlações baixas e significativas com as duas subescalas da PANAS ($r = .351$, $p = .000$ no PA; e $r = -.303$, $p = .000$ no NA).

Tabela 13. Matriz de correlações entre a Escala de Confiança Interpessoal (no melhor amigo), SWLS e PANAS

	Confiança melhor amigo	Fator <i>Emocional</i>	Fator <i>Fidelidade</i>	SWLS	PA	NA
Confiança no melhor amigo	-	.978**	.853**	.291**	.230**	-.299**
Fator <i>Emocional</i>		-	.752**	.281**	.226**	-.286**
Fator <i>Fidelidade</i>			-	.250**	.244**	-.236**
SWLS				-	.351**	-.303**
PA					-	-.090
NA						-

Sig. ** <.01

Também as correlações entre a confiança interpessoal no par amoroso (cf. Tabela 14) foram consideradas baixas. Mais propriamente, a correlação obtida com a escala da SWLS foi considerada baixa ($r = .379$),

com um resultado estatisticamente significativo ($p = .000$). A subescala de NA demonstrou uma correlação moderada negativa ($r = -.443$), apresentando também um resultado estatisticamente significativo ($p = .000$). Por fim, a correlação obtida com a subescala PA foi considerada baixa ($r = .210$), apresentando também um resultado estatisticamente significativo.

Relativamente às correlações realizadas para o fator *emocional*: verificou-se uma correlação moderada negativa com a subescala de NA ($r = -.421$, $p = .000$), com um resultado estatisticamente significativo; e uma correlação considerada muito baixa e significativa com a subescala PA ($r = .188$, $p = .000$). Também foi possível observar uma correlação negativa moderada, com um resultado estatisticamente significativo, entre o fator *fidelidade* e a subescala de NA ($r = -.416$, $p = .000$).

A escala de SWLS obteve uma correlação moderada com a subescala de PA ($r = .406$, $p = .000$) e uma correlação negativa considerada baixa com a subescala NA ($r = -.333$, $p = .000$). Estes resultados também se revelaram estatisticamente significativos.

Tabela 14. Matriz de correlações entre a Escala de Confiança Interpessoal (no par amoroso), SWLS e PANAS

	Confiança no par amoroso	Fator <i>Emocional</i>	Fator <i>Fidelidade</i>	SWLS	PA	NA
Confiança no par amoroso	-	.965**	.918**	.379**	.210**	-.443**
Fator <i>Emocional</i>		-	.821**	.379**	.188**	-.421**
Fator <i>Fidelidade</i>			-	.353**	.250**	-.416**
SWLS				-	.406**	-.333**
PA					-	-.033
NA						-

Sig. ** <.01

Desta forma, podemos considerar que a confiança interpessoal, tanto no melhor amigo como no par amoroso, correlaciona-se positivamente com o afeto positivo e a satisfação com a vida, e negativamente com o afeto negativo.

Hipótese 2: Níveis mais altos de confiança interpessoal predizem níveis mais elevados de bem-estar subjetivo.

Como forma de avaliar o poder preditivo dos níveis da confiança interpessoal, tanto no melhor amigo como no par amoroso, relativamente ao bem-estar subjetivo, foram realizadas regressões lineares simples para cada uma das variáveis que compõem o bem-estar subjetivo.

Relativamente ao valor preditivo da confiança interpessoal no par amoroso (cf. Tabela 15) foi possível observar que este explica cerca de 14%

($R^2=.140$, $p=.000$) da variância da satisfação com a vida (componente cognitiva do bem-estar subjetivo). É possível observar a influência desta variável preditora nos resultados estandardizados ($\beta =.374$), em que a confiança interpessoal explica 37.4% variância da escala de SWLS.

Quanto à componente afetiva do bem-estar subjetivo, a confiança interpessoal no par amoroso tem um valor preditivo que explica: 7.3% ($R^2 = 0.073$; $p= 000$) da variância do PA (cf. Tabela 16); e 12% ($R^2 =.116$, $p =.000$) da variância do NA (cf. Tabela 17). Os valores observados da competente afetiva também são estatisticamente significativos. Relativamente aos resultados estandardizados, a confiança influência cerca de 27% do PA ($\beta =.270$) e -34.1% do NA ($\beta = -.341$).

Tabela 15. Análise da Regressão linear da variável preditora Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e SWLS (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no par amoroso	.374	.140	.135	28.54	.374	.000**
						Sig. <.05**

Tabela 16. Análise da Regressão linear da variável preditora Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e PA (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no par amoroso	.270	.073	.067	13.43	.270	.000**
						Sig. <.05**

Tabela 17. Análise da Regressão linear da variável preditora Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e NA (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no par amoroso	.341	.116	.111	22.44	-.341	.000**
						Sig. <.05**

Quanto ao valor preditivo da confiança interpessoal no melhor amigo, foi possível observar que este explica cerca 4.3% ($R^2 =.043$, $p =.000$) da variância da satisfação com a vida (cf. Tabela 18), 3.6% ($R^2 =.036$, $p =.001$) da variância do PA (cf. Tabela 19); e 5.5 % ($R^2 =.055$, $p = 000$) da variância do NA. (cf. Tabela 20) Todos os valores demonstram-se estatisticamente significativos.

Relativamente aos resultados estandardizados, a confiança no melhor amigo influencia cerca de 20.6% ($\beta = .206$) da escala da SWLS, 18.9% ($\beta = .189$) da subescala da PA e -23.4% ($\beta = -.234$) da subescala de NA.

Podemos considerar que a variação dos níveis de confiança interpessoal, tanto no para amoroso como no melhor amigo, influenciam ainda que modestamente, os níveis de bem-estar subjetivo.

Tabela 18. Análise da Regressão linear da variável preditora Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e SWLS (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no melhor amigo	.206	.043	.039	13.03	.206	.000**
Sig. <.05**						

Tabela 19. Análise da Regressão linear da variável preditora Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e PA (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no melhor amigo	.189	.036	.032	10.64	.189	.001**
Sig. <.05**						

Tabela 20. Análise da Regressão linear da variável preditora da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e NA (VD)

	R	R^2	ΔR^2	F	β	Sig.
Confiança Interpessoal no melhor amigo	.234	.055	.052	16.59	-.234	.000**
Sig. <.05**						

3.2 Estudo das relações entre as variáveis sociobiográficas, a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo

Hipótese 3: A idade, o nível socioeconómico, bem como o número de meses de namoro e os problemas de vida relatados, associam-se significativamente aos níveis de confiança interpessoal e bem-estar subjetivo.

Com o intuito de analisar as relações de associação entre as variáveis sociobiográficas, a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo, procedeu-se à execução do Coeficiente de Correlação de *Spearman*.

Foi realizada uma primeira análise de correlações entre um grupo específico de variáveis sociobiográficas (idade, nível socioeconómico e índice total de problemas), a confiança interpessoal no melhor amigo, a SWLS e a PANAS (cf. Tabela 21).

Tabela 21. Matriz de Correlações entre variáveis sociobiográficas, escala de Confiança no melhor amigo e escalas do Bem-estar subjetivo

	Confiança no melhor amigo	<i>Emocional</i>	<i>Fidelidade</i>	SWLS	PA	NA
Idade	-.112	-.128*	-.093	-.255**	-.059	-.134*
Nível socioeconómico	.129*	.113	.110	.237**	.274**	.082
Índice de problemas	-.190**	-.195**	-.147*	-.339**	-.069	.479**

Sig. * <.01; ** <.05

Desta forma, é possível destacar uma correlação negativa baixa entre a variável idade e a SWLS ($r = -.255$, $p = .000$), com um resultado estatisticamente significativo.

Quanto às correlações com o nível socioeconómico foi possível obter correlações consideradas baixas e estatísticas significativas com a SWLS ($r = .188$, $p = .000$) e com o PA ($r = .274$, $p = .000$).

Relativamente ao índice de problemas obteve uma correlação negativa baixa com a SWLS ($r = -.339$, $p = .000$) e uma correlação considerada moderada com o NA ($r = .479$, $p = .000$), ambas significativas.

Como foi referido anteriormente, foi realizada uma outra análise de correlações entre um grupo específico de variáveis sociobiográficas (idade, nível socioeconómico, o número de meses de relacionamento e índice total de problemas), a confiança interpessoal no par amoroso, a SWLS e a PANAS (cf. Tabela 22).

Tabela 22. Matriz de Correlações entre variáveis sociobiográficas, escala de Confiança no par amoroso e escalas do Bem-estar subjetivo

	Confiança no par amoroso	<i>Emocional</i>	<i>Fidelidade</i>	SWLS	PA	NA
Idade	-.125	-.162*	-.138	-.211**	-.102	-.119
Nível socioeconómico	.026	.018	.080	.275**	.264**	.090
Nº de meses de relacionamento	-.153*	-.159*	-.156*	-.141	-.072	-.034
Índice de problemas	-.257**	-.289**	-.187**	-.348**	-.044	.552**

Sig. * <.01; ** <.05

É possível verificar que a variável idade obteve uma correlação negativa baixa e estatisticamente significativa com a SWLS ($r = -.211, p = .000$).

O nível socioeconómico obteve correlações baixas estatisticamente significativas com a SWLS ($r = .275, p = .000$) e o PA ($r = .264, p = .000$), como ocorreu no primeiro grupo em análise.

Relativamente à variável número de meses de relacionamento obteve correlações negativas consideradas muito baixas, com destaque para a correlação com o fator *emocional* ($r = -.159, p = .000$).

Por último, o índice de problemas obteve correlações negativas considerada baixas com a confiança no par amoroso ($r = -.257, p = .000$), o fator *emocional* ($r = -.289, p = .000$) e a SWLS ($r = -.348, p = .000$) e uma correlação positiva considerada moderada com o NA ($r = .552, p = .000$).

Para finalizar, após a observação da análise é possível considerar que a confiança interpessoal no melhor amigo, a satisfação com a vida e a subescala de afeto positivo correlacionam-se positivamente com a variável nível socioeconómico. A variável índice de problemas mostrou correlacionar-se positivamente com a subescala de afetividade negativa. A variável idade apresentou correlações negativas com todas as escalas. Também é possível referir que a confiança interpessoal no par amoroso, a satisfação com a vida e a subescala de PA correlacionam-se positivamente com a variável nível socioeconómico, e negativamente com as variáveis idade, número de meses de relacionamento e índice de problemas.

Hipótese 4: Existem diferenças na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo, atendendo ao género. É esperado que os níveis de confiança interpessoal, satisfação com a vida e afeto negativo sejam mais elevados e níveis de afeto positivo sejam mais baixos no género feminino.

De forma a analisar as diferenças de género nas escalas de confiança interpessoal (tanto no melhor amigo como no par amoroso) e nas escalas de bem-estar subjetivo, procedeu-se à execução do teste de *U* de *Mann-Whitney*.

Mais uma vez, numa primeira fase foi testada as diferenças de género na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS (cf. Tabela 23).

Tabela 23. Diferenças de género na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS

	Sexo	Média	DP	<i>U</i>	Sig.
Confiança no melhor amigo	M	60.59	11.78	7393.50	.002**
	F	63.93	11.64		
<i>Emocional</i>	M	45.15	9.18	7281.50	.001**
	F	47.87	8.98		
<i>Fidelidade</i>	M	15.47	3.07	8171.00	.016**
	F	16.03	3.17		
SWLS	M	17.04	4.40	8875.00	.252
	F	17.63	4.86		
PA	M	30.84	7.77	8881.00	.407
	F	29.92	8.66		
NA	M	16.22	6.16	8020.50	.059
	F	17.77	6.95		

Sig. <.05**

Foi possível observar que existem diferenças estatisticamente significativas entre o género masculino ($M = 60.59$) e género feminino ($M = 63.93$) ao nível da confiança interpessoal no melhor amigo ($U = 7393.50$, $p = .002$). Relativamente aos fatores da confiança interpessoal, foi possível observar que também existem diferenças estatisticamente significativas entre o género masculino e género feminino no fator *emocional* ($U = 7281.50$, $p = .001$) e no fator *fidelidade* ($U = 8171.00$, $p = .016$).

Nas escalas SWLS e PANAS não se obtiveram diferenças estatisticamente significativas entre os géneros.

Posteriormente foram testadas as diferenças de género na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS (cf. Tabela 24).

Após a análise, foi possível observar que não se verificaram diferenças de género estatisticamente significativas em nenhuma das escalas.

Assim, é possível concluir que existem diferenças de género estatisticamente significativas na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, não se verificando mais nenhuma diferença nas escalas do bem-estar subjetivo.

Tabela 24. Diferenças de género na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS

	Sexo	Média	DP	<i>U</i>	Sig.
Confiança no par amoroso	M	63.17	14.50	3735.50	.995
	F	62.98	13.74		
<i>Emocional</i>	M	31.46	7.29	3732.50	.988
	F	31.24	7.02		
<i>Fidelidade</i>	M	31.56	7.39	3708.00	.705
	F	31.74	7.03		
SWLS	M	17.34	4.49	3691.00	.890
	F	17.32	4.75		
PA	M	30.44	7.64	3548.00	.960
	F	30.26	8.97		
NA	M	16.14	6.38	3314.00	.418
	F	16.90	6.76		

Sig. <.05**

Hipótese 5: Existem diferenças na confiança interpessoal e no bem-estar subjetivo, atendendo a ter tido ou não um relacionamento amoroso com duração superior a 6 meses. É esperado que tendo um relacionamento com duração superior a 6 meses, os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo sejam inferiores.

Ao analisar as diferenças atendendo a ter tido um relacionamento amoroso, com duração superior a 6 meses, nas escalas de confiança interpessoal no par amoroso e nas escalas de bem-estar subjetivo, procedeu-se novamente à execução do teste de *U de Mann-Whitney*.

Após a observação da análise (cf. Tabela 25), foi possível constatar que não existem diferenças estatisticamente significativas nas escalas de confiança no para amoroso, SWLS e PANAS, atendendo a ter tido ou não um relacionamento superior a 6 meses.

Apesar de os resultados não serem considerados estatisticamente significativos, foi possível observar que os níveis nas escalas de confiança interpessoal, satisfação com a vida e afeto negativo são inferiores no grupo de sujeitos que admitem estar num relacionamento com duração superior a 6 meses.

Tabela 25. Diferenças em ter tido ou não um relacionamento amoroso na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS

	Relacionamento> a 6 meses	Média	DP	<i>U</i>	Sig.
Confiança no par amoroso	Sim	17.87	14.44	2885.50	.503
	Não	18.64	12.67		
<i>Emocional</i>	Sim	9.13	7.35	3010.00	.749
	Não	9.39	6.74		
<i>Fidelidade</i>	Sim	8.78	7.38	2884.50	.441
	Não	9.25	6.32		
SWLS	Sim	17.39	4.72	5972.00	.589
	Não	17.72	4.78		
PA	Sim	30.44	8.47	5502.00	.257
	Não	29.12	7.93		
NA	Sim	17.21	6.81	5548.00	.401
	Não	17.63	6.44		

Sig. <.05**

Hipótese 6: Existem diferenças na confiança interpessoal e bem-estar subjetivo, atendendo à idade. É esperado que os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo aumentem com a idade.

De modo a analisar as diferenças na idade nas escalas de confiança interpessoal e nas escalas de bem-estar subjetivo, procedeu-se à execução de uma *One-Way Anova* e respetivo teste de *post-hoc* de *Bonferroni*. Como já foi referido anteriormente, resultados da variável idade foram divididos em 3 grupos distintos: 18 aos 24 anos, 25 aos 44 anos e, por último, dos 45 aos 65 anos.

Num primeiro momento foram analisadas as diferenças nos grupos de idades na Escala de Confiança interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS (cf. Tabela 26).

Foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de idades na escala da componente cognitiva do bem-estar subjetivo, SWLS, $F(2,294) = 7.96, p = .000$.

Mais pormenorizadamente (cf. Anexo 3, Tabela 27), o *post-hoc* revelou que na escala SWLS foi possível observar diferenças estatisticamente significativas entre os seguintes grupos de idade: dos 18 aos 24 e dos 25 aos 44 anos ($p = .016$); e dos 18 aos 24 e dos 45 aos 65 anos ($p = .001$).

Tabela 26. Diferenças entre os grupos de idade na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS

	Grupos de idade	Média	DP	F (df)	Sig.
Confiança no melhor amigo	18-24	64.60	11.31	2.52 (2,290)	.082
	25-44	62.22	11.83		
	45-65	60.96	12.28		
<i>Emocional</i>	18-24	48.34	9.15	2.35 (2,290)	.098
	25-44	46.31	9.15		
	45-65	45.75	8.97		
<i>Fidelidade</i>	18-24	16.23	2.93	2.63 (2,295)	.074
	25-44	15.91	3.13		
	45-65	15.20	3.46		
SWLS	18-24	18.66	4.37	7.96 (2,294)	.000**
	25-44	16.90	4.83		
	45-65	16.21	4.64		
PA	18-24	30.82	8.08	.916 (2,288)	.401
	25-44	30.43	8.41		
	45-65	29.19	8.65		
NA	18-24	17.88	6.08	1.06 (2,287)	.347
	25-44	16.84	6.96		
	45-65	16.60	7.41		

Sig. <.05**

Num segundo momento foram analisadas as diferenças nos grupos de idades das escalas de confiança interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS (cf. Tabela 28).

Foi possível verificar que existem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de idade na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, $F(2,175) = 5.45$, $p = .005$, no fator *emocional*, $F(2,175) = 4.87$, $p = .009$, e no fator *fidelidade*, $F(2,177) = 6.13$, $p = .003$.

Foi possível concluir, (cf. Anexo 3, Tabela 29) através do *post-hoc* que as diferenças estatisticamente significativas na escala de confiança no par amoroso ocorrem entre os grupos de idade: dos 18 aos 24 e dos 45 aos 65 anos ($p = .016$); e dos 25 aos 44 e dos 45 aos 65 anos ($p = .013$).

Quanto ao fator *emocional* foi possível verificar diferenças significativas entre os grupos de idade: dos 18 aos 24 e dos 45 aos 65 anos ($p = .038$); e dos 25 aos 44 e dos 45 aos 65 anos ($p = .015$).

Por último, no fator *fidelidade* as diferenças estatisticamente significativas ocorrem entre o grupo dos 18 aos 24 e dos 45 aos 65 anos ($p = .007$) e entre os 25 aos 44 e os 45 aos 65 anos ($p = .012$).

Desta forma, é possível concluir que se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de idade na Escala de Satisfação com a vida e na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso.

Foi possível observar que os níveis de confiança interpessoal, tanto no melhor amigo como no par amoroso, diminuem com o aumento da idade.

Tabela 28. Diferenças entre os grupos de idade na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS

	Grupos de idade	Média	DP	F (df)	Sig.
Confiança no par amoroso	18-24	65.58	9.93	5.45 (2,175)	.005**
	25-44	65.42	11.09		
	45-65	58.36	18.21		
<i>Emocional</i>	18-24	32.36	5.96	4.87 (2,175)	.009**
	25-44	32.61	5.43		
	45-65	29.07	8.94		
<i>Fidelidade</i>	18-24	33.20	4.37	6.13 (2,177)	.003**
	25-44	32.81	5.99		
	45-65	29.18	9.35		
SWLS	18-24	18.32	4.54	2.01 (2, 175)	.138
	25-44	17.25	4.77		
	45-65	16.59	4.54		
PA	18-24	31.21	7.77	.74 (2,169)	.480
	25-44	30.74	8.40		
	45-65	29.35	8.98		
NA	18-24	16.98	5.40	.154 (2,170)	.857
	25-44	16.34	6.72		
	45-65	16.42	7.34		

Sig. <.05**

Hipótese 7: A magnitude das associações entre os problemas relatados, por um lado, e a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo, por outro, varia segundo os diferentes tipos de problemas, nomeadamente: ansiedade, stress, tabaco, relações amorosas e de ordem familiar.

Com a finalidade de analisar a existência de diferenças na magnitude da associação entre o tipo de problemas e as escalas de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo, realizou-se o Coeficiente de Correlação de *Spearman* para cada tipo de problema.

Numa primeira fase, foi possível observar, através da análise das frequências, os problemas mais assinalados pela amostra. Assim, foi constatado que os problemas mais referidos são relacionados com: ansiedade, *stress*, problemas com tabaco, relações amorosas e ordem familiar.

Posteriormente passou-se para a análise das diferenças de magnitude na associação entre problemas e as escalas de confiança interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS (cf. Tabela 30).

Tabela 30. Coeficientes de Correlação de Spearman entre tipos de problemas e a Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS (N=303)

	Ansiedade	Stress	Tabaco	Relações amorosas	Ordem familiar
Confiança no melhor amigo	-.142*	-.105*	-.027	-.219**	-.171**
<i>Emocional</i>	-.132*	-.107	.048	-.218**	-.180**
<i>Fidelidade</i>	-.141*	-.074	-.003	-.199**	-.132*
SWLS	-.218**	-.222**	-.240**	-.184**	-.241**
PA	-.034	-.004	-.040	.033	-.076
NA	.413**	.397**	.141*	.191**	.257**

Sig. * <.01; ** <.05

Foi possível observar uma correlação negativa significativa baixa entre a Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e os problemas relacionados com relações amorosas ($r = -.219$). Por sua vez, obteve-se uma correlação negativa baixa entre o fator *emocional* e os problemas devidos a relações amorosas ($r = -.218$). O fator *fidelidade* obteve uma correlação considerada muito baixa com as relações amorosas ($r = -.199$).

Foi possível observar correlações significativas consideradas baixas entre a Escala de Satisfação com a Vida e todos os problemas, em exceção aos problemas de relações amoras que obteve uma correlação muito baixa ($r = -.184$). A subescala de NA obteve uma correlação moderada significativa com a ansiedade ($r = .433$) e correlações consideradas baixas com o *stress* ($r = .397$) e com problemas de ordem familiar ($r = .257$).

Foram também analisadas as associações entre tipos de problemas e a Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso (cf. Tabela 31).

Foi possível observar uma correlação negativa significativa considerada baixa entre a Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e a ansiedade ($r = -.208$). Neste sentido, obteve-se uma correlação negativa baixa entre o fator *emocional* e os problemas de ansiedade ($r = -.204$), tabaco ($r = -.219$) e relações amorosas ($r = -.211$). Por sua vez, o fator *fidelidade* obteve uma correlação significativa muito baixa com a ansiedade ($r = -.182$).

Tabela 31. Coeficientes de Correlação de Spearman entre tipos de problemas e a Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso (N = 182)

	Ansiedade	Stress	Tabaco	Relações amorosas	Ordem familiar
Confiança no par amoroso	-.208**	-.180**	-.181*	-.196 **	-.106
Emocional	-.204**	-.188*	-.219**	-.211**	-.128
Fidelidade	-.182*	-.166*	-.107	-.170*	-.093

Sig. * <.01; ** <.05

Hipótese 8 – O índice de problemas de vida tem influência na confiança interpessoal no par amoroso e no bem-estar subjetivo. Níveis mais elevados no índice de problemas predizem níveis mais baixos de confiança interpessoal no par amoroso, satisfação com a vida e afeto positivo e níveis mais elevados de afeto negativo.

De forma de avaliar o papel dos problemas foram realizadas regressões lineares simples considerando como variáveis dependentes a Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e cada uma das escalas que compõem o bem-estar subjetivo. Neste sentido, todos os problemas mencionados no questionário sociobiográfico foram agrupados num índice de problemas.

Tabela 32. Análise da Regressão linear da variável preditora Índice de problemas de vida e a Confiança Interpessoal no par amoroso (VD)

	R	R ²	ΔR ²	F	β	Sig.
Índice de problemas de vida	.218	.047	.042	8.60	-.218	.004**

Sig. <.05**

Tabela 33. Análise da Regressão linear da variável preditora Índice de problemas de vida e a SWLS (VD)

	R	R ²	ΔR ²	F	β	Sig.
Índice de problemas de vida	.449	.201	.197	43.62	-.449	.000**

Sig. <.05**

Tabela 34. Análise da Regressão linear da variável preditora Índice de problemas de vida e a PA (VD)

	R	R ²	ΔR ²	F	β	Sig.
Afeto Positivo	.181	.033	.027	5.69	-.181	.018**

Sig. <.05**

Tabela 35. Análise da Regressão linear da variável preditora Índice de problemas de vida e a NA (VD)

	R	R ²	ΔR ²	F	β	Sig.
Índice de problemas de vida	.503	.253	.249	57.02	.503	.000**

Sig. <.05**

Foi possível observar que o índice de problemas de vida exerce uma influência estatisticamente significativa sobre todas as escalas.

Mais detalhadamente, os problemas explicam cerca de 4.7 % ($R^2=.047$ $p=.004$) da variância da confiança no par amoroso (cf. Tabela 32), sendo este valor considerado baixo e estatisticamente significativo. É possível observar a influência desta variável preditora nos resultados estandardizados ($\beta =-.218$), em que o total de problemas explica - 21.8% variância da escala de confiança.

Relativamente a SWLS (cf. Tabela 33), os problemas explicam cerca de 20.1 % ($R^2=.201$ $p=.000$) da sua variância. Em termos de resultados estandardizados, os problemas influenciam ($\beta =-.499$) cerca de -49.9% da variância da escala de satisfação com a vida.

Esta variável também explica cerca de 33% ($R^2=.033$ $p =.018$) da variância da subescala de PA (cf. Tabela 34) e 25.3% ($R^2=.253$ $p=.000$) da variância da subescala de NA (cf. Tabela 35). Esta influência é explícita nos resultados estandardizados, onde a variável explica -18.1% ($\beta =-.181$) da variação da subescala de afetividade positiva e 50.3% ($\beta =.503$) da variação da subescala de afetividade negativa.

Por fim, podemos considerar que o aumento de problemas mencionados predizem níveis mais baixos de confiança no par amoroso, satisfação com a vida e afeto positivo. Por outro lado, predizem também níveis mais elevados de afeto negativo. Em suma, a hipótese é aceite.

V - Discussão

Esta investigação pretende analisar as relações entre a confiança interpessoal (nas relações de intimidade e nas relações de amizade mais próximas), o bem-estar subjetivo e algumas variáveis sociobiográficas. Deste modo, pretendemos saber se a confiança interpessoal se associa e exerce um papel de influência sobre o bem-estar subjetivo. Para além deste propósito, também pretendemos analisar o papel exercido pelas variáveis sociobiográficas sobre a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo. Para além destes objetivos, pretendemos ainda contribuir para os estudos das versões portuguesas das escalas de confiança interpessoal utilizadas.

Os resultados desta investigação tiveram por base uma amostra composta por 303 sujeitos, sendo que 209 são do sexo feminino e 94 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e 65 anos. É importante salientar que as análises estatísticas das escalas do bem-estar subjetivo e da confiança interpessoal no melhor amigo foram realizadas considerando a totalidade dos sujeitos da amostra. Relativamente à análise da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, apenas foram considerados os 182 sujeitos que afirmaram estar num relacionamento com duração superior ou igual a 6 meses.

Um dos principais contributos desta investigação prende-se com o estudo das características psicométricas das escalas, nomeadamente através de um estudo de validade de constructo e de fidelidade, da adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (*Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults*, 2013). Por conseguinte, foram realizadas duas Análises Fatoriais Exploratórias da Escala de Confiança Interpessoal, tendo em conta os seus dois alvos, o par amoroso e o melhor amigo. A AFE da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, apesar de terem sido excluídos dois itens (1 e 4), por terem obtidos valores de saturações consideradas baixas (Pestana & Gajairo, 2008; Costello & Osborne, 2005), demonstrou a existência de dois fatores, o *emocional* (itens 2,3,5 e 6) e *fidelidade* (itens 7, 8, 9 e 10), indo de encontro aos fatores já mencionados noutros estudos de adaptação da escala (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014; Minas, 2014; Santos, 2014).

Relativamente à AFE da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, foram excluídos os mesmos itens (1 e 4), e foi igualmente observada a existência de dois fatores. Contudo o fator *fidelidade* é constituído por apenas dois itens (9 e 10), facto que implica assumir algum risco, no limiar do recomendável (Osborne, 2014).

Em termos de fidelidade das escalas, obtiveram-se resultados muito consistentes. A Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso revelou uma consistência interna considerada excelente, o que também foi possível observar nos seus dois fatores. Igualmente, a consistência interna da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e do seu fator *emocional* revelaram-se excelentes. No entanto, a consistência interna do fator *fidelidade* foi apenas considerado bom. Esta diminuição já era esperada, pois este fator apenas é constituído por dois itens, em comparação ao fator *fidelidade* da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso que é constituído por quatro itens (Nunnally, 1978).

É importante salientar que, apesar de se terem retirado dois itens a cada escala de confiança interpessoal, este facto fez aumentar a consistência interna, em comparação à consistência interna considerando a totalidade dos dez itens. Neste sentido, é-nos permitido validar os resultados obtidos nas análises fatoriais (Osborne, 2014). Em comparação com outros estudos, os resultados obtidos conseguiram superar a consistência interna da escala original de Johnson-George e Swap (1982) e de estudos de adaptação portuguesa (Minas, 2014; Santos, 2014).

Foi também estabelecido, como objetivo específico desta investigação, o contributo ao estudo psicométrico, isto é, o estudo da fidelidade das escalas que compõem o bem-estar subjetivo. Desta forma, a Escala de Satisfação com a Vida revelou uma consistência interna considerada boa, superando as qualidades psicométricas do estudo original (Simões, 1992). Já a Escala de Afetividade Positiva e Negativa revelou valores excelentes na subescala de Afeto Positivo e valores considerados bons na subescala de Afeto Negativo. Posto isto, é possível referir que o resultado obtido na subescala de Afeto positivo supera os resultados do estudo de adaptação de Galinha e Pais-Ribeiro (2005).

De forma a estudar as relações entre a confiança interpessoal, o bem-estar subjetivo e as variáveis sociobiográficas, foram executadas oito hipóteses, previamente elaboradas tendo em conta a literatura revista.

A primeira hipótese refere que níveis mais elevados de confiança interpessoal (tanto para o par amoroso como para o melhor amigo) associam-se a níveis mais elevados de satisfação com a vida e de afeto positivo e a níveis mais baixos de afeto negativo. Para testar esta hipótese procedeu-se à execução do Coeficiente de Correlação de *Spearman*, que revelou correlações consideradas baixas, mas todas estatisticamente significativas. Como previsto, foi possível observar correlações positivas entre a confiança interpessoal (tanto no par amoroso como no melhor amigo) e a Escala de Satisfação com a Vida e a subescala de Afeto Positivo. Também foi possível estabelecer uma relação negativa significativa entre a confiança interpessoal e o Afeto Negativo, sendo que entre a Escala Interpessoal no par amoroso e a subescala NA foi possível verificar uma correlação considerada moderada.

Estes resultados vão de encontro ao que foi referido na revisão literária, particularmente nas investigações que evidenciam correlações positivas entre as relações de amizade e o bem-estar subjetivo (Argyle, 1999; Myeres, 1999; Veenhoven, 1984; Simões et al., 2003; Sousa, 2012). Igualmente, o relacionamento amoroso, nomeadamente a condição de estar casado demonstra correlações positivas com o bem-estar subjetivo (Simões et al, 2000). Por sua vez, os estudos apresentam correlações positivas entre a confiança e as relações de intimidade (Larzelere & Huston 1980; Lamn, 1998; Rempel et al., 1985; Rotenberg, 1994) e em relações próximas de amizade (Rotenberg, 1991; Wieselquist, 2007). Também devem ser referidos os estudos que relatam que a disposição dos indivíduos em confiar está ligada ao bem-estar (Barefoot et al., 1998; Bernarth & Feshbach, 1995; Rotenberg, 2001). Desta forma, foi possível corroborar esta hipótese, pois estabelecem-se relações positivas significativas entre a confiança interpessoal, quer em relações com o melhor amigo quer com o par amoroso, a satisfação com a vida e o afeto positivo, e relações negativas com o afeto negativo.

A segunda hipótese pretendeu avaliar o poder preditivo dos níveis de confiança interpessoal, através da realização de regressões lineares para cada uma das escalas do bem-estar subjetivo. Neste sentido, partiu-se do

pressuposto que níveis mais altos de confiança interpessoal, quer no par amoroso quer no melhor amigo, predizem níveis mais elevados de bem-estar subjetivo.

Relativamente aos dados obtidos, estes permitem aceitar a hipótese. A Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, apresenta resultados modestos significativos relativamente à explicação da variância da satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. Por outro lado, a Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo apresenta valores considerados mais baixos e significativos na explicação da variação das escalas que compõem o bem estar-subjetivo. Assim, é possível comprovar esta influência nos resultados estandardizados, pois é possível observar a relação negativa entre os níveis confiança interpessoal e a afetividade negativa.

No seu conjunto, os resultados obtidos também vão de encontro ao que foi referido na revisão literária, particularmente a investigação que indica que a confiança e a estabilidade emocional eram bons preditores do bem-estar subjetivo (DeNeve & Cooper, 1998; Lima et al., 2001).

Na terceira hipótese estabelecida pretendeu-se analisar as relações de associação entre as variáveis sociobiográficas, a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo, através da execução do Coeficiente de Correlação de *Spearman*. Foi possível observar uma relação negativa considerada muito baixa, mas estatisticamente significativa entre a Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e o índice de problemas de vida relatados. Por sua vez, a escala SWLS obteve uma correlação negativa baixa com o índice de problemas. A subescala de Afeto Positivo obteve uma correlação positiva baixa com a variável nível socioeconómico. Como já era esperado, a subescala de Afeto negativo teve uma correlação positiva moderada com o índice de problemas. A Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso também obteve uma correlação negativa baixa com o índice de problemas e uma correlação negativa muito baixa com a variável número de meses de relacionamento.

Desta forma, apesar dos resultados de baixa magnitude, mas significativos, vão de encontro ao que era esperado pela literatura, especificamente os estudos que referem que as variáveis sociobiográficas apenas explicam uma pequena parte do bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000; Diener et al., 1999; DeNeve & Cooper, 1998; Diener, 1984; Veenhoven, 1984). Especificamente, a variável idade obteve correlações pequenas com o bem-estar subjetivo, o que foi possível verificar em estudos anteriores (Lima et al., 2001; Simões et al., 2000; Argyle, 1999; Veenhoven, 1984; Stock, Okun, Haring & Witter, 1983; Simões et al., 2003). Já o índice de problemas demonstrou correlações mais fortes, em comparação com as outras variáveis, o que também está de acordo com o que já tinha sido concluído em literatura anterior, nomeadamente nos estudos que referem a variável saúde (física e mental) como um bom preditor do bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000; Diener et al., 1999; Veenhoven, 1984; Diener, 1984; Larsen, 1978).

A quarta, quinta, sexta e sétima hipóteses pretendem analisar diferenças nas escalas de confiança interpessoal e bem-estar subjetivo segundo as variáveis sociobiográficas.

Mais especificamente, a hipótese 4 teve como finalidade analisar as diferenças de género nas distintas escalas, pelo que se procedeu à execução do teste de *Mann-Whitney*. Partiu-se do pressuposto que o género feminino iria obter níveis mais elevados de confiança interpessoal, satisfação com a vida e afeto negativo e níveis mais baixos de afeto positivo.

Foi possível obter diferenças estatisticamente significativas entre os géneros na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, no fator *emocional* e no fator *fidelidade*. Estes resultados vão de encontro ao esperado (Williams, 2013), ou seja, o género masculino apresenta resultados mais baixos ao nível da confiança interpessoal no melhor amigo. Neste sentido, o género masculino parece apresentar maiores dificuldades nas relações de confiança em comparação com o género feminino. No entanto, será necessário referir que as investigações sobre o papel do género na confiança interpessoal ainda não são conclusivas (Rotenberg et al., 2010), requerendo-se mais pesquisa sobre este aspeto.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os géneros nas escalas do bem-estar subjetivo, indo o resultado de encontro aos estudos de Neto (1999) e Diener e Diener (1995). Apesar de as diferenças não serem estatisticamente significativas, é possível verificar que o grupo feminino apresenta níveis mais baixos de afeto positivo e níveis mais altos de afeto negativo, resultados já referidos anteriormente (Assunção, 2014; Rask et al, 2002). Contrariamente aos nossos resultados e aos de Neto (1999) e Diener e Diener (1995), certa literatura indica que o género masculino apresenta níveis mais elevados de satisfação com a vida (Arita, 2005; Assunção, 2014; Goede, Sprulit, & Maas, 1999) Parece, então, ser necessário continuar a aprofundar a pesquisa em torno do efeito do género.

A quinta hipótese pretendeu avaliar se existem diferenças estatisticamente significativas nas escalas de confiança interpessoal no par amoroso e bem-estar subjetivo, atendendo a ter tido ou não um relacionamento amoroso, com duração superior a 6 meses. Neste sentido, esta hipótese foi analisada através de um teste de *Mann-Whitney*. Partiu-se do pressuposto que existiriam diferenças entre o grupo de sujeitos que não manteve um relacionamento superior a 6 meses e o grupo que manteve, ou seja, seria esperado que se registassem níveis mais elevados de confiança interpessoal no par amoroso e no bem-estar subjetivo no grupo de sujeitos em que a relação não atingiu os 6 meses de duração.

Foi possível verificar que não se registaram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das escalas, sendo assim a hipótese rejeitada. Apesar disto, foi possível observar que, nas escalas de confiança interpessoal no par amoroso, na SLWS, subescala de NA e no fator *fidelidade* da confiança, se registaram níveis mais altos em relacionamentos que ainda não atingiram os 6 meses de duração. Já em

termos do Afeto Positivo, verificam-se níveis mais elevados no grupo de sujeitos que mantiveram um relacionamento com duração superior a 6 meses.

Estes resultados, embora não significativos, vão de encontro ao que foi constatado no estudo de Rousseau, Sitkin, Burt e Camerer (1998), que concluíram que os níveis de confiança eram mais elevados no início de um relacionamento, decrescendo com o passar do tempo.

A sexta hipótese pretendeu analisar se existem diferenças nas escalas de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo, atendendo aos grupos de idade. O teste desta hipótese foi realizado, através da execução de uma *One-Way Anova* e o teste *post-hoc* de *Bonferroni*. Desta forma, partiu-se do pressuposto que os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo aumentem com a idade.

Foi possível verificar que os níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo diminuem de grupo para grupo de idade, quer isto dizer que os resultados diminuem à medida que a idade aumenta. Estes resultados revelam-se significativos ao nível da satisfação com a vida e na confiança interpessoal no par amoroso.

Mais especificamente, entre os grupos de idade dos 18 aos 24 e dos 25 aos 44 anos e os grupos de idade dos 18 aos 24 e dos 45 aos 65 anos observam-se diferenças significativas na escala de SWLS. Assim, verifica-se uma diminuição significativa nos níveis de satisfação com a vida, quando a idade aumenta. Estes resultados não vão de encontro ao que era esperado (Simões et al., 2000), em comparação com a revisão da literatura, a partir da qual se previa que, com o aumento da idade, a satisfação com a vida e o afeto positivo aumentariam e o afeto negativo diminuiria ou estabilizaria.

Também se verificaram diferenças estatisticamente significativas na escala de confiança no par amoroso e respetivos fatores, entre os grupos de idade dos 18 aos 24 anos e dos 45 aos 65 anos e nos grupos de idade dos 25 aos 44 e dos 45 aos 65 anos.

Em suma, verificou-se que os níveis de confiança interpessoal (tanto no par amoroso como no melhor amigo) diminuem à medida que os anos passam. Os resultados referentes à confiança estabelecem um pequeno contrassenso. Por um lado, existem estudos que estabelecem que a confiança numa relação diminui com o passar do tempo (Rousseau, Sitkin & Camerer, 1980). Por outro lado, existem outros que referem que os níveis de confiança vão aumentando com a idade (Sutter & Kocher, 2006). Conclui-se então pela realização de mais investigação.

A sétima hipótese levantada prende-se com a necessidade de analisar a existência de diferenças na magnitude da associação entre um grupo específico de problemas e as escalas de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo, sendo a sua análise executada novamente através do Coeficiente de Correlação de *Spearman*.

Desta forma, foi possível observar correlações negativas significativas entre a Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo e os problemas relacionados com as relações amorosas. Também foram

encontradas correlações negativas significativas entre a Escala de Satisfação com a Vida e problemas relacionados com a ansiedade, *stress*, tabaco e de ordem familiar. A subescala de NA obteve uma correlação positiva moderada significativa com a ansiedade e correlações consideradas baixas significativas com o *stress* e com problemas de ordem familiar.

Foi possível observar uma correlação negativa significativa entre a Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e a ansiedade. Verificaram-se também correlações negativas significativas entre o fator *emocional* e os problemas de ansiedade, tabaco e relações amorosas. Por sua vez, o fator *fidelidade* obteve uma correlação negativa significativa com a ansiedade.

As diferenças estatisticamente significativas nas magnitudes de associação ocorrem principalmente tendo por base problemas relacionados com a ansiedade, *stress* e de ordem familiar. Estes resultados vão de encontro aos estudos que relacionam o bem-estar subjetivo e os traços de personalidade (DeNeve & Cooper, 1998; Diener, Oishi & Cooper, 2003; Simões et al, 2000), onde existem correlações moderadas entre o bem-estar subjetivo e o neuroticismo (onde podemos observar a ansiedade como faceta). Neste sentido, as diferenças estatisticamente significativas atendendo aos problemas relacionados com a ansiedade e o *stress*, podem explicar uma diminuição dos níveis de bem-estar subjetivo.

Também foi possível verificar que os níveis de confiança interpessoal diminuem com o aumento dos problemas indo de encontro ao estudo de Schneider, Konijn, Riihimäki, e Rusbult (2011), que identificou que problemas de saúde, nomeadamente de ansiedade e *stress*, diminuem os níveis de confiança interpessoal.

Por último, a oitava hipótese prende-se com a necessidade de avaliar o papel do índice dos problemas mencionados, na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso e no bem-estar subjetivo, através da execução de regressões lineares simples. Desta forma, partiu-se do pressuposto que o aumento de problemas mencionados predizem níveis mais baixos de confiança interpessoal no par amoroso e de bem-estar subjetivo. Esta hipótese confirmou-se, e foi possível observar que o índice de problemas explica uma diminuição significativa da variância da confiança do par amoroso, da satisfação com a vida e da afetividade positiva. Também explica um aumento muito significativo da variação da afetividade negativa. Estes resultados corroboram os resultados de estudos anteriormente referidos (Schneider et al., 2011).

VI - Conclusões

Um dos principais objetivos desta investigação foi analisar a relação entre a confiança interpessoal, no par amoroso e no melhor amigo, o bem-estar subjetivo e as variáveis sociobiográficas. Foi possível verificar

correlações significativas baixas entre as escalas de confiança interpessoal, tanto no melhor amigo como no par amoroso, e as escalas que compõem o bem-estar subjetivo. Igualmente, foi possível verificar que a confiança desempenha um papel preditor modesto, mas significativo, na variação das escalas do bem-estar subjetivo. As variáveis sociobiográficas correlacionam-se de forma baixa e modesta com a confiança interpessoal e o bem-estar subjetivo. Também foi possível identificar diferenças significativas de géneros na confiança interpessoal relativa ao melhor amigo, com resultados mais favoráveis para as mulheres. Do mesmo modo, registaram-se diferenças significativas entre os grupos de idade na satisfação com a vida, nomeadamente entre o grupo de adultos emergentes e o grupo de jovens adultos, e na confiança interpessoal no par amoroso, entre o grupo de jovens adultos e os grupos de adultos emergentes e adultos de meia-idade.

Por último, foi possível constatar que o índice de problemas de vida relatados explica uma pequena parte da variação da confiança interpessoal e do bem-estar subjetivo.

Podemos considerar como um dos pontos fortes desta investigação, a contribuição realizada para o estudo da adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal. Desta forma, foi possível verificar a adequação da utilização da escala na população adulta e, por conseguinte, a afirmação da estrutura fatorial decorrente do Modelo de Confiança Interpessoal de Rotenberg (1994).

Neste sentido, podemos realçar os resultados robustos obtidos na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso. Igualmente, é possível destacar a versatilidade desta escala, na possibilidade de avaliar os níveis de confiança interpessoal considerando diferentes alvos, como por exemplo o par amoroso e o melhor amigo.

Também pode ser destacado como ponto forte, a utilização de medidas afetivas e cognitivas, o que possibilitou uma avaliação íntegra do bem-estar subjetivo. Do mesmo modo, podemos referir o estudo de variáveis desenvolvimentais, tais como a confiança interpessoal ao longo de diferentes fases da vida adulta, que ainda não foram descritas na literatura, e que, por isso, se justifica dizer que este pode ser visto como um estudo inovador que responde a uma lacuna.

Por outro lado, as limitações deste estudo prendem-se com os desequilíbrios que se verificaram na amostra, nomeadamente a existência de mais sujeitos do género feminino e de sujeitos com idade compreendida entre os 18 a 24 anos. Também deve ser destacada a baixa magnitude dos resultados de alguns testes, e, ainda a utilização de instrumentos de autorrelato, que pode levar ao enviesamento das perceções e crenças, isto é, das respostas dos sujeitos.

Para investigações futuras referimos a necessidade de continuar os estudos psicométricos da adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal, atendendo à diversidade de possíveis alvos. Adicionalmente, mencionamos a necessidade de replicar este estudo com uma amostra mais alargada e diversificada em termos culturais. Igualmente, referimos a

possibilidade de execução de um estudo longitudinal, de forma a perceber as razões da diminuição dos níveis de confiança interpessoal e de bem-estar subjetivo ao longo do tempo. Levantamos também a hipótese de realização de estudos que reflitam o controlo de variáveis sociobiográficas, como por exemplo, a orientação sexual e a religião. Do mesmo modo, seria interessante estudar a relação entre a confiança interpessoal, o bem-estar subjetivo e a psicopatologia. Por último, destacamos a possibilidade de investigar a relação entre a confiança interpessoal e os acontecimentos de vida que marcam a vivência amorosa.

Bibliografia

American Psychological Association (2010). *Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct*. Retirada a 10 de janeiro de 2016, em: <http://www.apa.org/ethics/code/>.

Arita, B. Y. W. (2005). Satisfaction with life and the homeostatic theory of well-being. *Psicología y Salud*, 15(1): 121-126.

Assunção, C. M. A. (2014). *O bem-estar subjetivo na adolescência: contributos das variáveis sociodemográficas e psicológicas*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Azevedo, M. J. S. (2013). *O bem-estar subjetivo na adolescência. Contributo das variáveis sociodemográficas, personalidade e espiritualidade*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Barefoot, J.C., Maynard, K. E., Beckham, J. C., Brammett, B. H., Hooker, K., & Siegler, I. C. (1998). Trust, health and longevity. *Journal of Behavioral Medicine*, 21, 517–526.

Bernath, M. S., & Feshbach, N. D. (1995) Children's trust: theory, assessment, development, and research directions. *Applied and Preventative Psychology*, 4, 1–19.

Costello, A. B. & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 10(7), 1-9.

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.

- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 653-663.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Diener, E., & Lucas, R. E. (1999). Personality and subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener & N. Schwartz (Eds.). *Well-being: the foundations of hedonic psychology* (pp. 213-229). New York: Russel Sage Foundation.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progresso. *Psychological Bulletin*, 125 (2), 276-302.
- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. E. (2003). Personality, culture and subjective well-being: emotional and cognitive evaluations of life. *Annual Review of Psychology*, 54, 403-425.
- Diener, E., Lucas, R. E. & Oishi, S. (2005). Subjective well-being: the science of happiness and life satisfaction. In C. R. Snyder, & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of Positive Psychology* (pp.63-73). NewYork: Oxford University Press.
- DeNeve, K. M., & Cooper, H. (1998). The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 124 (2), 197-229.
- Galinha, I. C. & Pais-Ribeiro, J. L. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (Panas): II – Estudo Psicométrico. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 219-227.
- Galinha, I. C., & Ribeiro, J. L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.
- Galinha, I. C. (2008). *Bem-estar Subjectivo – factores cognitivos, afectivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto.
- Goede, M., Sprulit, E., & Maas, C. (1999). Individual and family factors and adolescent well-being: A multi-level analysis. *Social Behavior and Personality*, 27 (3), 263-280.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões, 2010*. Retirada a 12 de dezembro de 2015, em: <http://azores.gov.pt/NR/rdonlyres/2750F07D-9748-438F-BA47-7AA1F8C3D794/0/PPP2010.pdf>.

- Johnson-George, C., & Swap, W. C. (1982). Measurement of specific interpersonal trust: Construction and validation of a scale to assess trust in a specific other. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(6), 1306-1317.
- Larzerelle, R. E. & Huston, T.L. (1980). The dyadic trust scale: toward understanding interpersonal trust in close relationships. *Journal of Marriage and the Family*, 42(3), 595-604.
- Leontopoulou, S. (2015). A positive psychology intervention with emerging adults. *The European Journal of Counselling Psychology*, 3(2), 113-136.
- Lima, M. P., Simões, A., Vieira, C. M. C., Oliveira, A. L., Ferreira, J. A. G. A., Pinheiro, M. R. M. M., & Matos, A. P. M. (2001). O bem-estar subjectivo na meia-idade: do mito à realidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35(1), 149-170.
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (3), 616-628.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Minas, B.D. F. (2014). *A violência nas relações íntimas: prevalência e estudo de relações de confiança interpessoal e com a esperança*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Neto, F., Barros, J. e Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida et al. (Eds.). *A Acção educativa: análise psicossocial* (2ª reimpr.) (pp. 105-117). Leiria: ESEL/APPORT.
- Novo, R. (2003). *Para além da eudaimonia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Novo, R. F. (2005). Bem-estar e Psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*. 20 (2), 183-203.
- Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjetivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory* (2^ªeds). New York: McGraw-Hill.
- Ordem dos Psicólogos (2011). *Código deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses*. Retirada a 10 janeiro de 2016, em: https://www.ordemdospsicologos.pt/pt/cod_deontologico.
- Osborne, J. W. (2014). *Best Practices in Exploratory Factor Analysis*. North Carolina State University: PSat.
- Pavot, W. & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with Life Scale. *Psychological Assessment*, 5, 164-172.
- Rempel, J., Holmes, J & Zanna, M. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(1), 95-112.
- Pereira, A. (2003). *SPSS - Guia prático de utilização. Análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia (4ª edição)*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda.
- Pestana, M. L. & Gajreiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementaridade do SPSS (5ªEds)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Rasck K. (2002). Adolescent subjective well-being and realized values. *Journal of Advance Nursing*, 38(3), 254-263.
- Rohner, R., Melendez, T., & Kraimer-Rickaby, L. (2008). Intimate partner acceptance, parental acceptance in childhood, and psychological adjustment among american adults is on going attachment relationships. *Cross-Cultural Research*, 42(1), 13.
- Rotenberg, K. J. (1991) *Children's interpersonal trust: sensitivity to lying, deception, and promise violations*. Springer, New York.
- Rotenberg, K. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13(2), 152-173.
- Rotenberg, K. J. (2001). Interpersonal trust across the lifespan. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7866-7868). New York: Pergamon.
- Rotenberg, K. J. (2010). The conceptualization of interpersonal trust: a basis, domain and target framework. In K. J. Rotenberg (Eds.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 8-27). University of Keele: Cambridge University Press.
- Rotter, J. B. (1967). A new scale for the measurement of interpersonal trust. *Journal of Personality*, 35, 651-665.

Rousseau, D. M., Sitkin, S. B., Burt, R. S., & Camerer, C. (1998). Not so diferente after all: a cross-discipline view of trust. *Academy of Management Review*, 23(3), 393-404.

Santos, A.R. S. (2014). *Aceitação-rejeição parental e confiança interpessoal nas relações íntimas*. Dissertação de Mestrado não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Schneider, I. R., Konijn, E.A, Righetti, F., & Rusbult (2011). *A healthy dose of trust: the relationship between interpersonal trust and health*. University of Amsterdam.

Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *The American Psychologist*, 55(1), 5-14.

Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma Escala de Satisfação com a Vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI(3), 503-515.

Simões, A. (1993). São os homens mais agressivos que as mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII(3), 387-404.

Simões, A., Ferreira, J. A. G. A., Lima, M. P., Pinheiro, M. R. M. M., Vieira, C. M. C., Matos, A. P. M., & Oliveira, A. L. (2000). O bem-estar subjectivo: estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultura*, IV(2), 243-279.

Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., C., Matos, A., & Oliveira, C. (2003). O bem-estar subjectivo nos adultos: um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 37(1), 5-30.

Simões, M. M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M. P. C. R)*. Tese de Doutoramento em Psicologia, Especialização em Avaliação Psicológica, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sin, N. L., & Lyubomirsky, S. (2009). Enhancing well-being and alleviating depressive symptoms with positive psychology interventions: A practice-friendly meta-analysis. *Journal of Clinical Psychology*, 65, 467-487.

Simpson, J. A. (2007). Psychological foundations of trust. *Current Directions in Psychological Science*, 16, 264-268.

Sousa, D. A. (2012). Intimate friendship relationships among young adults.

Paidéia, 22(53), 325-333.

Sutter, M. & Kocher, M. G. (2006). Trust and trustworthiness age groups. *Games and Economic Behavior*, 59(2007), 364-282.

Vale-Dias, M. & Franco-Borges, G. (2014). *Adaptação portuguesa da Escala de Confiança Interpessoal (Rotenberg's Specific Trust Scale-Adults)*. Documento não publicado.

Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative Affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*. 54(6), 1063-1070.

Wieselquist, J. (2007). Commitment and trust in young adult friendships. *Interpersona*, 1(2), 209-220.

Williams, T. (2003). *The psychology of interpersonal trust. How people feel when it comes to trusting someone*. McKendree University.

Anexos

Anexo 1. Tabelas de Descrição da Amostra

Tabela 4. Frequências e percentagens da nacionalidade da amostra total (N=303)

Nacionalidade	Frequência	Percentagem
Portuguesa	297	98.0 %
Outra	5	1.7 %
Não responde	1	0.3%
Total	303	100.0 %

Tabela 5. Frequências e percentagens da educação da amostra (N=303)

Educação	Frequência	Percentagem %
Inferior ao 12º ano	36	11.9%
12º Ano	56	18.5%
12º Ano, mais diploma profissional específico	12	4%
Frequência da faculdade, mas sem conclusão da licenciatura	86	28.4%
Licenciatura ou grau equivalente	79	26.1%
Pós-graduação ou equivalente	33	10.9%
Não responde	1	0.3%
Total	303	100%

Tabela 6. Frequências e percentagens da situação de emprego (N=303)

Situação de emprego	Frequência	Percentagem %
Desempregado(a) e não à procura de emprego	26	8.6%
Desempregado(a) à procura de trabalho	30	9.9%
Empregado(a) a tempo parcial	19	6.3%
Empregado(a) a tempo inteiro	129	42.6%
Outra	92	30.4%
Não responde	7	2.3%
Total	303	100%

Tabela 8. Frequências e percentagens da distribuição da amostra pela CPP (2010) (N=303)

CPP	Frequência	Percentagem %
Representantes do poder legislativo, órgãos executivos, direção e gestores	2	0.7%
Especialistas em atividades científicas e intelectuais	63	20.8%
Técnicos e profissões de nível intermédio	36	11.9%
Pessoal administrativo	9	3%
Serviços pessoais de proteção e segurança e vendedores	20	6.6%
Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	2	0.7%
Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artificies	12	4%
Operadores de instalações de máquinas e trabalhadores da montagem	5	1.7%
Trabalhadores não qualificados	15	5%
Estudantes	109	36%
Não responde	30	9.9%
Total	303	100%

Tabela 11. Frequências e percentagens de sujeitos que mantiveram ou mantem um relacionamento (> 6 meses) (N=303)

Relacionamento > 6 meses	Frequência	Percentagem %
Sim	253	83.5%
Não	50	16.5%
Total	303	100%

Tabela 12. Frequências e percentagens de sujeitos que mantem atualmente um relacionamento (N=303)

Relacionamento atual	Frequência	Percentagem %
Sim	206	68%
Não	96	31.7%
Não resposta	1	0.3%
Total	303	100%

Anexo 2. Protocolo de investigação



FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PEDIDO DE COLABORAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO E CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo está a ser efetuado no âmbito da realização de duas dissertações de *Mestrado Integrado em Psicologia* da *Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra*, da autoria da Dr.^a Francisca Raimundo e da Dr.^a Mariana Dias, sendo orientado pela Professora Doutora Maria da Luz Vale Dias.

O objetivo principal desta pesquisa consiste em conhecer, junto de adultos e jovens adultos, o que pensam as pessoas a respeito de si mesmas e da vida, assim como alguns dados biográficos. Para o concretizar será necessário aplicar questionários a indivíduos com idades a partir dos 18 anos, inclusive.

Assim, pedimos a sua colaboração neste estudo, através da resposta aos questionários que se seguem. Será assegurado o completo anonimato e confidencialidade da informação recolhida e os dados apenas serão utilizados para efeito da presente investigação.

Não há respostas certas ou erradas. Será muito importante que responda de forma individual e sincera às questões que lhe serão colocadas.

Muito obrigada pela sua colaboração!

Com os nossos melhores cumprimentos,

Coimbra, 15 de abril de 2015

(Prof. Doutora Maria da Luz Vale Dias)

(Dr.^a Francisca Coxixo)

(Dr.^a Mariana Dias)

CONTACTOS:

Dr.^a Maria da Luz Vale Dias (valedias@fpce.uc.pt)

Dr.^a Francisca Raimundo (francisca.coxixo@gmail.com); Dr.^a Mariana Dias (marianaferreiradias@live.com.pt)

.....
Eu, _____, declaro ter sido suficientemente informado(a), aceitando participar nesta investigação.

_____ (localidade), ____ de _____ de 2015

Assinatura: _____

PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO DO ESTUDO

Questionário Sociobiográfico

ID _____ (a preencher pelos investigadores)

Data de preenchimento _____

1. Idade/DN i. Idade _____ ii. Data de Nascimento _____

2. Sexo 1. _____ Masculino

2. _____ Feminino

3. Língua materna. Em que língua ou dialeto fala em casa?

____ 1. Português

____ 2. Outra _____ (especificar)

4. Educação. Qual o grau de escolaridade concluído?

____ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____

____ 2. 12º ano

____ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico

____ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura

____ 5. Licenciatura ou grau equivalente

____ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento)

5. Emprego. Encontra-se actualmente empregado(a)?

____ 1. Desempregado(a) e não à procura de emprego (incluindo situação de doença, incapacidade, reforma, etc.)

____ 2. Desempregado(a) à procura de trabalho

____ 3. Empregado(a) a tempo parcial

____ 4. Empregado(a) a tempo inteiro

____ 5. Outra _____ (especificar)

6. Ocupação/Profissão. Qual a principal ocupação/profissão (inclui a de Doméstica(o))?

i. Designação _____

ii. Quais as suas principais obrigações/responsabilidades? _____

7. Estatuto marital. Assinale todas as situações que sejam verdadeiras.

____ 1. Casado(a) e a viver com o cônjuge

____ 2. Casado(a) mas a viver com alguém sem ser o cônjuge

____ 3. Não casado(a), mas a viver com alguém (união consensual)

____ 4. Separado (i.e., casado(a), mas não a viver com o cônjuge)

____ 5. Divorciado(a)

____ 6. Viúvo(a)

____ 7. Solteiro (nunca casado)

8. Localidade (e Concelho) onde reside: _____

9. Localidade (e Concelho) onde nasceu: _____

10. Acerca do seu Pai, por favor indique:

10.1. Área de Residência: _____

10.2. Naturalidade: _____

10.3. Nacionalidade: _____

10.4. Habilitações Literárias:

- ___ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____
___ 2. 12º ano
___ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico
___ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura
___ 5. Licenciatura ou grau equivalente
___ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento)
10.5. Profissão: _____

11. Acerca da sua Mãe, por favor indique:

- 11.1. Área de Residência: _____
11.2. Naturalidade: _____
11.3. Nacionalidade: _____
11.4. Habilitações Literárias:
___ 1. Inferior ao 12º ano. Qual? _____
___ 2. 12º ano
___ 3. 12º ano, mais diploma profissional específico
___ 4. Frequência da Faculdade, mas sem conclusão da licenciatura
___ 5. Licenciatura ou grau equivalente
___ 6. Pós-graduação ou equivalente (e.g., Mestrado, Doutoramento)
11.5. Profissão: _____

12. Mantém ou manteve um relacionamento amoroso (com duração superior a 6 meses)?

- Sim Não

13. Mantém um relacionamento amoroso atualmente?

- Sim Não

13.1. Se sim, há quanto tempo mantém esse relacionamento? _____

14. Problemas/Dificuldades Assinale com “X” o espaço correspondente à resposta adequada (Sim ou Não). Já teve ou tem problemas de:

	S	N		S	N
1-Distúrbios alimentares	___	___	13- Haxixe	___	___
2- Depressão /sintomas depressivos	___	___	14- Heroína	___	___
3- Ansiedade	___	___	15-Cocaína	___	___
4- Álcool	___	___	16- Ecstasy	___	___
5-Stresse	___	___	17- Comportamentos sexuais de risco	___	___
6-Agressividade e violência	___	___	18- Relações amorosas (ex: namoro...)	___	___
7- Anfetaminas	___	___	19- Baixa autoestima	___	___
8- Hepatite	___	___	20- Profissão (inclui Escola- aulas, exames...)	___	___
9- Cancro	___	___	21-Relações interpessoais	___	___
10-Tuberculose	___	___	22- Ordem familiar	___	___
11-Comportamentos antissociais	___	___	23- Solidão	___	___
12-Tabaco	___	___	24- Outro __ (especifique) _____		

Escala de Afetividade Positiva e Negativa

PANAS - Positive and Negative Affect Schedule (Watson, Clark e Tellegen, 1988; Versão portuguesa de Galinha e Pais-Ribeiro, 2005).

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Indique em que medida sentiu cada uma das emoções **durante as últimas semanas** utilizando a escala de 1 a 5 e marcando com uma cruz (X) no quadrado que melhor indica a sua resposta.

	1 Nada ou muito Ligeiramente	2 Um Pouco	3 Moderadamente	4 Bastante	5 Extremamente
1. Interessado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Perturbado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Excitado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Atormentado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Agradavelmente Surpreendido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Culpado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Assustado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Caloroso (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Repulsa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Entusiasmado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Orgulhoso (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Irritado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Encantado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Remorsos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Inspirado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Nervoso (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Determinado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Trémulo (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Ativo (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Amedrontado (a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Escala de Satisfação com a Vida

SLWS – Satisfaction With Life Scale (Diener et al., 1985); (Escala de Satisfação com a Vida, versão portuguesa de Simões, 1992)

Esta escala compreende cinco frases com as quais poderá concordar ou discordar. Utilize a escala de 1 a 5 e marque uma cruz (X) no quadrado que melhor indica a sua resposta.

	Discordo muito (1)	Discordo um pouco (2)	Não concordo, nem discordo (3)	Concordo um pouco (4)	Concordo muito (5)
1. A minha vida parece-se, em quase tudo, com o que eu desejaria que fosse	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. As minhas condições de vida são muito boas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes da vida, que eu desejaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se eu pudesse recomeçar a minha vida, não mudaria quase nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 3. Tabelas de descrição dos resultados

Tabela 2. Valor das saturações dos itens da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso (10 itens)

Itens	h^2
1. Se A rir inesperadamente de algo que eu diga ou faça, eu interrogo-me se estará a ser crítico e desagradável.	.245
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.891
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.804
4. Como A conhece o tipo de coisas que magoam os meus sentimentos, não me preocupo que as possa usar contra mim, mesmo que o nosso relacionamento mude.	.418
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.835
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.805
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.915
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.905
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.910
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.971

Tabela 6. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso (8 itens)

Itens	α
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.973
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.975
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.974
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.975
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.971
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.971
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.971
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.977

Tabela 8. Valor das saturações dos itens da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo (10 itens)

Itens	h^2
1. Se A rir inesperadamente de algo que eu diga ou faça, eu interrogo-me se estará a ser crítico e desagradável.	.270
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.689
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.626
4. Como A conhece o tipo de coisas que magoam os meus sentimentos, não me preocupo que as possa usar contra mim, mesmo que o nosso relacionamento mude.	.335
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.870
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.680
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.713
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.774
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.807
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.856

Tabela 12. Consistência Interna da Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo (8 itens)

Itens	α
2. Eu posso falar livremente com a A e sei que me escutará.	.941
3. A Nunca deturparia intencionalmente os meus pontos de vista perante os outros	.945
5. Posso confiar em A e sei que quererá sempre ouvir-me.	.934
6. Se contar com a A o que me preocupa, sei que não pensará que as minhas preocupações são tolas e supérfluas.	.942
7. Se a A não puder encontra-se comigo como planeado, acreditarei na sua desculpa de que algo aconteceu.	.939
8. Se A me prometer um favor, sei que cumprirá o prometido.	.936
9. Se decidirmos encontrar-nos nalgum sítio para almoçar, tenho a certeza de que A lá estará	.938
10. Se A ficou de me dar boleia para algum sítio e não chega à hora combinada, calculo que haverá uma boa razão para o atraso.	.945

Tabela 27. Diferenças entre os grupos idade na Escala de Confiança Interpessoal no melhor amigo, SWLS e PANAS

	Grupos de idade		
	18-24 vs 25-44	18-24 vs 45-65	25-44 vs 45-65
SWLS	1.759 (.016)**	2.456 (.001)**	.697 (.973)
<i>p</i> < .05			

Tabela 29. Diferenças entre os grupos de idade na Escala de Confiança Interpessoal no par amoroso, SWLS e PANAS

	Grupos de idade		
	18-24 vs 25-44	18-24 vs 45-65	25-44 vs 45-65
Confiança no par amoroso	.163 (1.000)	7.224 (.016)**	7.061 (.013)**
Fator emocional	-.251 (1.000)	3.293 (.038)**	3.544 (.015)**
Fator fidelidade	.391 (1.000)	4.026 (.007)**	3.635 (.012)**
<i>p</i> < .05			